

GUIA DE LEITURA: FUVEST

**GRUPO DE TCC
ENSINO MÉDIO
2017**

**ETEC de Embu
1ª Edição**



Autores desse Guia

Alexandre Caetano Fortes

Daiane Alves Rodrigues

Fernanda Costa Cardoso

Ludmilla Gonçalves Rios

Matheus Matias de Menezes

Nicole da Mota Martins Pinheiro

Uriel Riobranco da Silva

Wallace Henrique Silva Santos

Dedicatória

Dedicamos esse trabalho primeiramente a Deus, por nos ter dado forças para concluir o projeto e criar o Guia. Dedicamos também à nossa família, pelo apoio e carinho durante o desenvolvimento de mais uma etapa de nossas vidas.

Além disso, não nos esquecemos dos amigos e colegas que nos apoiaram e, em alguns casos, prestaram auxílio importante durante a nossa trajetória. À toda e qualquer pessoa que direta ou indiretamente tenha colaborado com este projeto, o nosso mais sincero obrigado.



Agradecimentos

Nós agradecemos ao nosso professor Orientador Eric Sodré, por nos ter auxiliado durante todo o projeto, e à nossa professora do componente curricular Língua Portuguesa e Literatura, Roseli Faustina, por nos ter ajudado em alguns aspectos do Guia e dado sua importante e sensata opinião.



Sobre os Autores

Nós, os autores deste guia, somos alunos da ETEC de Embu, uma Escola Técnica vinculada ao Centro Paula Souza, do Estado de São Paulo. A ideia de criar um guia surgiu com a chegada do componente curricular: Projetos Técnico-Científicos (PTC). Como estávamos no último ano do Ensino Médio, era importante que a realização do projeto não atrapalhasse tanto o nosso desempenho escolar quanto o nosso preparo para os vestibulares, então por que não criar algo que melhorasse nossa leitura e entendimento das obras as quais são pedidas para a realização de algumas provas e ainda auxiliasse outros alunos que iriam passar por essa fase no mesmo ano ou nos próximos?

Foi uma tarefa difícil, pois exigiu a leitura e releitura de cada obra, além da aprendizagem de uma forma de transmitir os conhecimentos que obtivemos dessa prática de um jeito simples. Assim, conforme íamos confeccionando o trabalho, percebemos que não compreendíamos alguns aspectos, o que nos motivou a debater, pesquisar e melhorar.

Esse guia significa meses de esforço e dedicação, e por isso todos nós agradecemos por tê-lo em mãos e fazer uso dele de modo a alcançar o seu e o nosso o objetivo esperado.

Alexandre Caetano Fortes, Daiane Alves Rodrigues, Fernanda Costa Cardoso, Ludmilla Gonçalves Rios, Matheus Matias de Menezes, Nicole da Mota Martins Pinheiro, Uriel Riobranco da Silva e Wallace Henrique Silva Santos, todos nós agradecemos e desejamos que o fruto do nosso esforço, para disponibilizar este Guia, e o fruto do seu esforço, para render seu tempo a essa leitura, dêem bons resultados.



Direitos Autorais

Neste PDF não há a intenção de infringir direitos autorais. Todas as imagens empregadas são criações originais ou de propriedade dos autores e foram utilizadas sob a conformidade da lei de Direitos Autorais, Capítulo IV, Artigo 46, o qual informa que materiais protegidos podem ser utilizados parcialmente com finalidade de notícia ou de artigo informativo, crítica ou paródia. A disposição das imagens também está sob conformidade de Uso Justo (Fair Use). Não estamos, também, lucrando com o Guia, este está sendo disponibilizado de forma gratuita.



Sumário

Capítulo 1: O Hábito da Leitura	8
Minha Vida de Menina.....	10
Introdução à Obra	10
Contexto Histórico e Socioeconômico	10
Tempo e Espaço.....	11
Narrador	11
Personagens Principais	12
Análise Geral	12
Capítulo 3: Eça de Queirós	13
A Relíquia	14
Introdução à Obra	14
Contexto Histórico e Socioeconômico	14
Tempo e Espaço.....	15
Narrativa	15
Personagens.....	15
Análise Geral	16
A Cidade e as Serras.....	18
Introdução à Obra	18
Contexto Histórico e Socioeconômico	18
Tempo e Espaço.....	19
Personagens.....	19
Análise Geral	20
Capítulo 4: José De Alencar.....	21
Iracema	22
Introdução à Obra	22
Contexto Histórico e Socioeconômico	23
Tempo e Espaço.....	23
Narrador	23
Personagens.....	24
Análise Geral	25
Capítulo 5: Machado de Assis	27
Memórias Póstumas De Brás Cubas	28
Introdução à Obra	28

Contexto Histórico e Socioeconômico	29
Tempo e Espaço.....	29
Narrador	30
Personagens.....	30
Análise Geral	31
Capítulo 6: Guimarães Rosa	33
Sagarana	34
Contexto Histórico e Socioeconômico	34
Tempo e Espaço.....	35
Narrador	35
Temática.....	35
Estrutura.....	36
Resenha por Conto	37
1. O Burrinho Pedrês	37
Personagens Principais	37
2. A Volta do Marido Pródigo	38
Personagens Principais	38
3. Sarapalha.....	38
4. Duelo	39
Personagens Principais	39
5. Minha Gente	39
Personagens principais	39
6. São Marcos	40
Personagens Principais	40
7. Corpo fechado	40
8. Conversa de Bois.....	40
Personagens Principais	40
9. A Hora e a Vez de Augusto Matraca.....	41
Personagens Principais	41
Análise Geral	42
Capítulo 7: Graciliano Ramos	43
Vidas Secas	44
Introdução à Obra	44
Contexto Histórico e Socioeconômico	45
Tempo e Espaço.....	45
Narrador	46
Personagens.....	46

Análise Geral	47
Capítulo 8: Pepetela.....	48
Mayombe	49
Introdução à Obra	49
Contexto histórico e socioeconômico.	50
Tempo e Espaço.....	50
Narrador	51
Personagens.....	51
Análise Geral	52
Capítulo 9: Aluísio De Azevedo	53
O Cortiço	55
Introdução à Obra	55
Contexto Histórico e Socioeconômico	56
Tempo e Espaço.....	57
Narrador	57
Personagens.....	57
Análise Geral	58
Capítulo 10: Carlos Drummond de Andrade	59
Claro Enigma.....	60
Introdução à Obra	60
Contexto Histórico e Socioeconômico	61
Temas	61
Narrador	62
Forma	62
Análise.....	63
Capítulo 11: Dicas Para Leitura	64
Capítulo 12: Exercícios e Atividades para Fixação	65
Gabarito	78



Capítulo 1: O Hábito da Leitura

A maioria das pessoas sabe vários dos benefícios que a leitura pode trazer, mas mesmo assim não consegue ler um livro, e isso ocorre por diversos motivos. O principal é que ler, muitas vezes, não é uma atividade simples, pois exige muita concentração, imaginação e interpretação.

O que se pode fazer para que a leitura seja mais fácil é criar um hábito. Demarcando uma deixa — um motivo para ler —, algumas partes do livro como objetivos a serem cumpridos — no caso, inicialmente um capítulo, ou um número pré estabelecido de páginas —, além de uma recompensa ao completá-lo, é possível ensinar seu cérebro a gostar do momento com um livro. Dessa forma, mostramos à nossa mente que essa ação traz benefícios e, após algum tempo, instintivamente iremos repeti-la sem precisar mais de deixas ou recompensas.

Uma coisa importante a se levar em conta é que livros são totalmente diferentes e por isso, além de outras distinções, existem livros com diferentes níveis de complexidade. Para despertar nosso interesse e transformar a leitura em algo prazeroso, é importante que não desistamos de criar o hábito logo no começo, ao nos decepcionarmos com livros muito difíceis de compreender. O indicado é tentar fazê-lo com livros pequenos ou até mesmo contos. Duas obras que eu (Wallace Henrique) indico são “O Pequeno Príncipe”, de Antoine de Saint-Exupéry, e “Quem Mexeu no Meu Queijo”, dos autores Ken Blanchard e Spencer Johnson.

Depois de começar a criar o costume da leitura, o próximo passo é vivenciar outras histórias e procurar livros com os quais você se identifique mais, estimular a sua imaginação e interpretação, para então partir para livros que você talvez não goste, mas que precise ler, tanto obrigatoriamente, como é o caso dos livros de vestibular para a maioria das pessoas, quanto a fim de, por exemplo, aumentar seu conhecimento pessoal acerca de algum assunto.

Este capítulo de abertura serve para mostrar que, mesmo com vontade, às vezes é impossível começar a ler com as famosas obras de vestibular, por se tratarem de livros mais complexos. Então, se você não tomou a atitude de tentar criar o hábito, gostar e ir se aprimorando a cada mais no mundo dos livros, é preciso fazê-lo rapidamente, já que este Guia não é substituto para leitura de nenhuma das obras, ele serve apenas de apoio, é preciso conhecer a história e a linguagem e contemplar a confecção completa do escrito original para estar preparado.

Desejamos uma boa leitura!

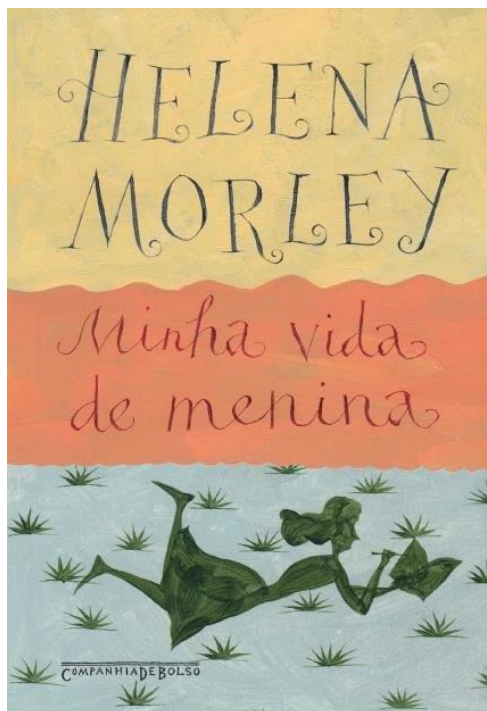
Capítulo 2: Helena Morley



Helena Morley é o pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, nascida em 1880 em Diamantina, Minas Gerais. Ela estudou na Escola Normal e casou-se, em 1900, com Augusto Mario Caldeira Brant, com quem teve seis filhos. Morreu em 1970, no Rio de Janeiro. Seu livro “Minha Vida de Menina” já teve traduções para o francês e o inglês, esta última feita pela poeta americana Elisabeth Bishop.

Em 1942 foi publicada a primeira versão de “Minha Vida de Menina”, quando a autora expressou o desejo de deixar para as netas e parentes suas lembranças e experiências da época de sua infância e adolescência, possibilitando, assim, identificarem as diferenças entre a vida atual de sua família e a então vida simples da autora.

Minha Vida de Menina



Introdução à Obra

Minha vida de menina é um diário escrito no período entre 1893 e 1895, narrando acontecimentos cotidianos da vida da autora. Por ser um diário, sua linguagem e estrutura são mais simples, e por isso pode ser uma boa opção de início de leitura para os vestibulares para quem não está acostumado a se deparar com livros dessa complexidade.

O momento histórico é fundamental para a compreensão da obra, que mostra o funcionamento da sociedade da época e retrata os preconceitos de raça e classe no pós-abolição, além de poder ser visualizado também questões sobre a mineração, já que o livro se passa em Minas Gerais e o pai da autora foi um minerador.

Contexto Histórico e Socioeconômico

O livro narra um período muito importante da história brasileira, quando a Lei Áurea (1888) e a República (1889) haviam sido recém-instauradas. Através do cotidiano de Helena, pode-se perceber a permanência do negro na condição de escravo mesmo após a abolição, o coronelismo, a crise econômica em que se

encontravam os mineradores de Diamantina quando a extração de diamantes se tornou escassa, dentre outras características.

Tempo e Espaço

O livro se passa no decorrer de três anos, sendo estes 1893, 1894 e 1895. O tempo é cronológico, sendo dividido em dias, e por se tratar de um diário não há uma divisão em capítulos, mas sim em datas:

Quinta-feira, 5 de janeiro

Hoje foi nosso bom dia da semana. Nas quintas-feiras mamãe nos acorda de madrugada, para arrumarmos a casa e irmos cedo para o Beco do Moinho(...).

Terça-feira, 10 de janeiro

Hoje Benvinda veio, com a irmã, participar a mamãe e meu pai o casamento dela com um rapaz do Serro, que foi soldado e deu baixa porque teve de cortar a perna(...).

O espaço do livro se dá na cidade de Diamantina, no estado de Minas Gerais. A cidade recebe esse nome pela grande quantidade de diamantes encontrados em seu território, aspecto que é facilmente notado no decorrer da história, principalmente nas partes que dizem respeito à profissão de minerador do pai. É encontrado também nesses trechos a situação complicada na época da mineração em Diamantina, como por exemplo no fato de, entre sua família, o pai de Helena ser o mais pobre.

Dentro de Diamantina, a autora explora alguns espaços nos quais ela vivenciou parte de suas experiências, como o município de Boa Vista.

“Aqui na Boa Vista só querem minerar. É só diamante e ouro; não cuidam de outra coisa.”

Narrador

O foco narrativo do livro é em primeira pessoa, por se tratar de um diário. Nele há várias passagens da infância e adolescência da autora, que são narradas

de forma com que a personagem, Helena Morley, descreva o seu dia-a-dia como ativa e transmita o que claramente vivenciou e quer passar ao leitor.

Personagens Principais

Helena Morley: personagem principal, é a única que realmente merece destaque; por se tratar de um diário, nenhum personagem é fixo. A família dela aparece com muita frequência no decorrer do livro, mas às vezes há personagens como as colegas de sala, vizinhos ou outros parentes.

Família de Helena: A família de Helena, é importante pela sua frequência nas histórias e convivência com a personagem. Da família dela pode-se destacar o pai, que trabalha como minerador durante a semana e nos finais de semana volta para casa; a mãe, que conforme descrição da autora, era uma mulher muito sacrificada e fazia de tudo pelas filhas e, principalmente, pelo esposo; a irmã, que é mais nova e bem introvertida; e seus irmãos, que não recebem muito foco narrativo e são pouco abordados no livro.

Pode-se citar também, como componente da família, sua avó, de quem ela gosta muito e para a qual concebe diversos trechos.

Análise Geral

O livro tem fatores importantes, se propondo a mostrar como era a vida em uma época diferente da atual, e por isso pode ser apreciado não como uma obrigação, mas sim como uma forma de adquirir conhecimento sobre a história da nossa sociedade e suas mudanças ao longo do tempo.

Capítulo 3: Eça de Queirós



Filho de mãe portuguesa e pai brasileiro, Eça de Queirós nasceu em Portugal. José Maria Teixeira de Queirós e Carolina Augusta Pereira d’Eça, seus pais, só se casaram quando o escritor estava com quase quatro anos, já que, devido à posição social superior da mãe, a família não aceitava a união.

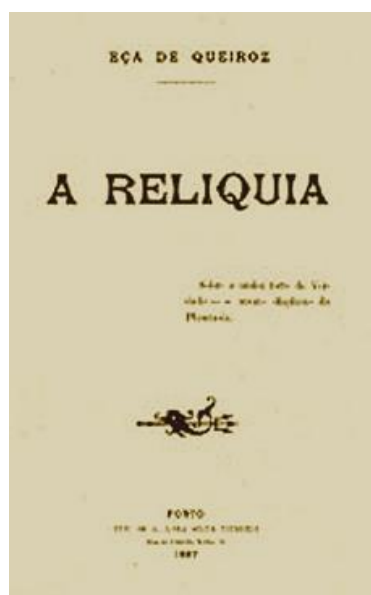
O jovem Eça estudou Direito na Universidade de Coimbra., seguindo os passos do pai. Por lá, conheceu o também escritor Antero de Quental e começou a publicar seus textos na revista “Gazeta de Portugal”. Durante o curso, teve relação com o grupo “Escola de Coimbra”, que apresentou o realismo a Portugal.

Com características realistas, uma de suas obras mais importantes foi “O Crime do Padre Amaro”, publicado em 1875, e “Os Maias”, em 1888.

Formado em 1866, passou a atuar como advogado e jornalista em Lisboa. Chegou a criar uma publicação, a “Revista de Portugal”. Trabalhou também em diferentes periódicos, como o “Gazeta de Portugal”, “Diário Ilustrado”, “Diário de Notícias” e “Correspondência de Portugal”. O escritor ainda foi cônsul de Portugal em Havana, Newcastle, Bristol e Paris, onde permaneceu até sua morte em 1900.

Na vida pessoal, teve quatro filhos com Emília de Castro, com quem se casou quando já tinha 40 anos.

A Relíquia



Introdução à Obra

A relíquia, um romance da segunda fase de Eça de Queirós, publicado em 1887, faz uma crítica ferrenha à pequena burguesia, ao clero, ao conservadorismo, à religiosidade e ao provincianismo que existia em Portugal naquela época.

O autor usa dos personagens para exemplificar tais aspectos da sociedade. O personagem principal é preocupado com as aparências e tenta achar formas de conseguir a herança da tia rica, e esta, beata e conservadora, deixa seus familiares para morrerem por não aprovar suas condutas; são os padres que tentam ganhar espaço no testamento da mulher.

Contexto Histórico e Socioeconômico

Para a sociedade de 1870, a Igreja era uma das responsáveis pela decadência política, social e cultural de Portugal, assim como a monarquia e as relações políticas da metrópole com suas colônias. A religião teve um papel muito importante para a formação da nacionalidade portuguesa e tinha forte ligação com o Estado.

A sociedade que estava experienciando uma mudança no estilo de vida e queria se apegar a qualquer forma de garantir dinheiro, o sentimento de ser contra o governo e conseqüentemente à Igreja, cresceu, gerando vários escritores que olhavam esse tema como uma forte crítica à sociedade a qual era norteadada pelos ideais católicos. A obra reflete essa sociedade e a hipocrisia que existia, a mesma que o autor repudiava.

Tempo e Espaço

O tempo da obra é cronológico com uma passagem pelo tempo mítico, que é retratado como o tempo inconsciente, no qual ele estava sonhando. O livro começa com sua história de criança, evoluindo até se tornar adulto e ir para a Terra Santa, onde ocorre o tempo inconsciente, que o leva até o passado remoto da Antiguidade, no dia da crucificação de Jesus, e depois volta ao tempo cronológico, acabando quando Teodorico, já um homem formado, reflete sobre suas escolhas.

O espaço é retratado pelos lugares que o protagonista percorre durante a sua vida e jornada. Ele cresceu em Lisboa, no Campo de Santana; parou em Alexandria durante sua peregrinação para a cidade santa; visitou tanto Jerusalém atual quanto a Antiga (em seus sonhos); e depois voltou à sua cidade natal.

Narrativa

A obra é narrada pelo protagonista, que leva o leitor a entender e ver o mundo através dos seus olhos, assim como suas comoções morais e religiosas, e por fim, sua conclusão de toda a sua experiência de vida.

Personagens

Teodorico Raposo: personagem principal, era um jovem hipócrita e mulhereengo que se passava de beato para poder herdar a fortuna de sua tia. Embarca em uma peregrinação para a terra santa visando se aproximar da sua futura fortuna e não mostra escrúpulos, tentando enganar as pessoas com falsas relíquias.

Dona Maria do Patrocínio das Neves (Titi): tia de Teodorico, uma mulher velha, alta, seca, muito beata e virgem com uma grande aversão ao sexo. Dona de uma vasta fortuna, usa isso para atemorizar o sobrinho.

Crispim: amigo de infância de Teodorico, filho do dono de uma companhia. No fim se torna patrão e cunhado de Raposo, que se casa com sua irmã, Jesuína.

Adélia: jovem interesseira, amante do protagonista. Ela acaba deixando-o por não ver mais vantagens de ficar com ele e estar cansada dos horários estritos em que Teodorico precisava voltar para a casa. Acaba tornando-se amante do Padre Negrão, que herda a maior parte da herança de Titi.

Dr. Topsius: doutor alemão formado na Universidade de Bonn, sócio do *Instituto Imperial de Escavações Históricas*. Era patriarca, considerava a Alemanha a “mãe espiritual dos povos”. Magro, alto, tinha o nariz agudo e pensativo e usava os óculos de ouro em sua ponta. Companheiro de viagem do protagonista, escreve um livro durante a peregrinação.

Mary: amante de Teodorico no Egito. Durante sua última vez juntos, ela fez um embrulho com uma camisa de dormir, ainda cheirando ao pecado, e deu ao Raposo como uma prova de seu amor; foi o motivo de Teodorico ser deserdado.

Análise Geral

A obra de Eça de Queirós passa a ideia de crítica social para a burguesia e clero da época, mostrando a grande coragem do autor em fazer uma reprimenda tão aberta.

Os personagens explicitam os problemas que o autor identificava na sociedade; Teodorico Raposo, um hipócrita, que fazia de tudo para garantir a herança da tia, demonstrando sua ganância e desprezo para com a sociedade católica; Dona Patrocínio das Neves, que repudiava o ato do sexo e por mais que fosse beata e “boa” para com Deus, deixava pessoas de sua família morrerem por se envolver com mulheres; os padres, que se aproximavam da mulher rica a fim de conseguir uma parte da sua herança; e o cientista, que mentia e criava histórias.

O livro mostra uma viagem de peregrinação do protagonista para a terra santa. Esse era um homem sem escrúpulos, que não acreditava nos fundamentos da Igreja, mas ia fielmente para mostrar à sua tia que era uma pessoa beata e livre de pecados, quando na realidade, enquanto não estava rezando a contragosto, se encontrava na casa de sua amante se refestelando.

Na terra santa, ele se depara com diversas situações sagradas, como a chegada a Jerusalém no dia de Nizam (Páscoa) em que o Rabi da Galileia fora sentenciado e crucificado. Mesmo assim, quando parecia que nele tinha ocorrido uma transformação moral, assim que o dia acaba e este acorda, toda aquela comoção não se mostra como uma mudança; ele volta à sua antiga hipocrisia.

Quando retorna de sua viagem, ele traz uma Relíquia à sua tia, e várias “lembrancinhas” da Palestina para os padres. Revelando a relíquia, percebe que trouxe por engano uma camisa de dormir de uma de suas amantes, cheirando ainda ao pecado, o que deixou sua tia irada e a fez expulsá-lo de casa.

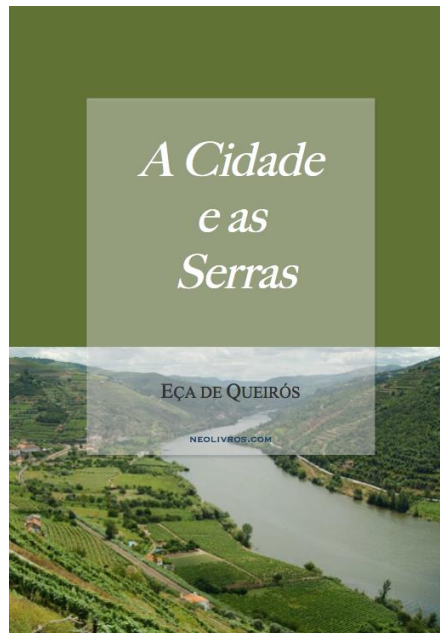
Ele, se vendo sem nada, acaba vendendo suas lembrancinhas falsas e nada divinas para se sustentar, mesmo assim, continuando na miséria, agora xingando a Deus. Já que fora tão “beato” por que sofria tanto assim? “Jesus” fora então ao seu quarto conversar e revelar quem realmente era: uma manifestação de sua consciência de uma forma que lhe era compreensível.

Eu não sou Jesus de Nazaré, nem outro deus criado pelos homens... Sou anterior aos deuses transitórios; eles dentro em mim nascem; dentro em mim duram; dentro em mim se transformam; dentro em mim se dissolvem; e eternamente permaneço em torno deles e superior a eles, concebendo-os e desfazendo-os, no perpétuo esforço de realizar fora de mim o deus absoluto que em mim sinto. Chamo-me consciência. (Capítulo 5)

Essa conversa lhe fez abrir os olhos e ver sua hipocrisia e a inutilidade de tudo aquilo.

Eça então mostra como ele achava fútil toda aquela sociedade, que só pensava nas aparências e religião, mas também torna aparente sua descrença com a ciência, os dois opostos que criavam discordância naquela época.

A Cidade e as Serras



Introdução à Obra

O livro “A Cidade e as Serras” representa a terceira fase do realismo do autor Eça de Queirós. Durante a narrativa são apresentadas várias críticas da sociedade moderna com aparelhos sofisticados e pessoas que somente são solidarias por reputação e nome.

Ele foi publicado em 1901, um ano após a morte do autor, período em que havia uma grande influência de outro livro publicado em 1892 chamado “Civilização”, também escrito por Eça de Queirós.

Contexto Histórico e Socioeconômico

A Cidade e as Serras foi publicado em 1901, período que se tratava da terceira fase dos livros do autor, nos quais se apresentava uma crítica ao realismo naturalista e se expressava muitas meditações filosóficas prezando rituais espirituais e hábitos humanos, sendo a vida pacata mais interessante que as cidades com toda a movimentação.

A história tem início em meados de 1830 com a guerra do rei ao poder de D. Miguel, pretendente ao trono, porém a narrativa principal se passa somente duas gerações à frente, mais ao final do século XIX, o qual foi pontuado pelo forte apoio

em Portugal dos liberais da época a favor do regime monárquico de D. Miguel. Ao mesmo tempo, na Europa, continente onde se passa todo enredo, Paris é considerado o centro de tudo, onde se encontram todos os avanços tecnológicos e intelectuais do mundo.

Em questão de economia, ainda se preservava o imperialismo sobre colônias, então quando é passada a imagem de Portugal durante o livro, este é visto como uma grande potência portando suas múltiplas dominâncias em continentes espalhados mundo afora e controlando escravos vindos de algumas dessas explorações e residentes em casa de barões, como no caso de um dos personagens.

Tempo e Espaço

O narrador-personagem, José Fernandes, é quem conta a história do amigo Jacinto. A narrativa se passa no século XIX, quando Paris era considerada a capital da Europa e o centro do mundo. Portugal, no entanto, mantinha-se como um país agrário e decadente.

Havia grande entusiasmo, nos meios intelectuais da época, pelas teorias positivistas de Augusto Comte, criador do sistema que ordena as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano, em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas.

Personagens

Jacinto: Protagonista, apelidado de príncipe da Grã-Ventura, de família rica, bonito e saudável, sendo o alvo de muitas condessas e mulheres a toda volta. Sempre com postura, acredita que a tecnologia pode mudar o mundo e seus avanços.

José Fernandes: Amigo de infância do protagonista, narrador da história, se mostra contra as ideias de Jacinto, somente pensando em campos e tendo problemas ao controlar a tecnologia.

Grilo: Escravo de Jacinto, sempre dizendo que seu mestre sofria por riqueza.

Madame Oriol: Mulher da alta classe, por um tempo amante de Jacinto, adere às ideias de avanços tecnológicos, utilizando-as para usos de beleza e estética.

Madame Colombe: Prostituta que se encontrava com José Fernandes, reclama das trivialidades da sociedade da alta classe parisiense.

Joaninha: Prima de José Fernandes, que ao decorrer da história se apaixona e casa com Jacinto.

Análise Geral

“A Cidade e as Serras” é uma obra na qual existe uma crítica direta à sociedade parisiense ao ser apresentados personagens que somente se importam com aparências e quando se apresentam sozinhos acabam agindo de forma a ir contra seus “conceitos” perante os outros.

Ao criar o personagem Jacinto em sua história, Eça faz uma visível crítica à sociedade em geral de Paris, já que se tinha o pensamento de que o território francês era o centro da Europa. Prezava somente por aparências e tecnologias, sem pensar em costumes antigos e uma forma de vida pacata e tranquila. Porém, Jacinto começa a apresentar leves sintomas de depressão e aparenta não estar feliz com todo aquela aparato e futilidades.

Com o desenrolar da história, Jacinto, ao fazer uma viagem para visitar seus parentes em uma cidade em Portugal, acaba ficando sem tecnologias e isolado, somente vivendo nos campos por semanas, e seu amigo Zé Fernandes fica desesperado ao não o reencontrar. Porém, ao rever seu colega tempo depois, percebe que este não se aparenta mais abatido pela correria toda da cidade.

Nos campos, Jacinto encontra novamente um motivo para viver e se expressar como quiser, se casa com Joaninha e percebe que não era necessário ter todos os aparelhos e conhecimento para se ter uma vida feliz.

Capítulo 4: José De Alencar

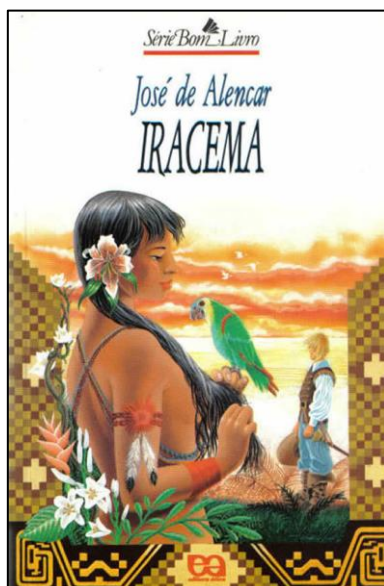


José de Alencar (1829-1877) foi um romancista, dramaturgo, jornalista, advogado e político brasileiro. Tornou-se um dos maiores representantes da corrente literária indianista, ao que se destacou na carreira com a publicação do romance "O Guarani", em forma de folhetim, no Diário do Rio de Janeiro, no qual alcançou enorme sucesso, além de "Iracema", um livro de caráter histórico em que é possível vislumbrar uma de suas maiores ferramentas de escrita, a recuperação das raízes do povo brasileiro. Foi também escolhido por Machado de Assis para patrono da Cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras.

Foi criador de uma literatura nacionalista na qual se evidencia uma maneira de sentir e pensar tipicamente brasileira. Suas obras são especialmente bem-sucedidas quando transporta, a tradição indígena para a ficção. Tão grande foi a preocupação de José de Alencar em retratar sua terra e seu povo que muitas das páginas de seus romances expõem mitos, lendas, tradições, festas religiosas, usos e costumes observados pessoalmente por ele com o intuito de cada vez mais abasileirar seus textos.

Famoso, a ponto de ser aclamado por Machado de Assis como "o chefe da literatura nacional", José de Alencar morreu em 1877, aos 48 anos no Rio de Janeiro, vítima da tuberculose, deixando seis filhos, inclusive Mário de Alencar, que seguiu a carreira de letras do pai.

Iracema



Introdução à Obra

Iracema representa não só uma das obras mais emblemáticas da literatura romântica nacionalista do escritor José de Alencar, como também um dos mais significativos livros de uma temática conhecida como romance indianista, o qual fez parte da produção do romantismo brasileiro na primeira metade do século XIX.

Carregado de conteúdos que cercam a vida do povo indígena e tratando da imersão portuguesa e sua interferência no espaço físico e cultural desse, o livro conta a história do amor entre Iracema e Martim, as proibições que cerceavam sua relação e o final trágico que resultou no fruto de sua união, Moacir, o qual concebe metaforicamente a representação do nascimento do povo brasileiro.

Alencar publicou Iracema em 1865. Quero conversar com o livro e com os que, hoje, o leem comigo. Do mesmo modo, Alencar conversou com os do seu tempo e da sua terra, e conversou com os primeiros habitantes dela.

É bom lembrar que, naquele momento, havia um forte empenho em transformar o Novo Mundo em um mundo novo: o empenho no desenvolvimento material, ativado desde a extinção do tráfico negreiro em 1850, e sustentado pela ideologia do progresso; o empenho em dominar a Natureza, em transformá-la e, no limite, em suprimi-la, em nome desse progresso.

A poesia de Iracema volta a falar da Natureza. Recapitula, baseada nas informações dos cronistas e trabalhada pela mão do poeta romancista, as contraditórias relações, ao mesmo tempo de amor e crueldade, “vínculo e violência” entre o colonizador e a Colônia. (CAMPOS REIS, 1992)

Contexto Histórico e Socioeconômico

Iracema foi escrito e publicado em 1865 e trazia na capa o subtítulo “Lenda do Ceará”. Seu autor, José de Alencar, era cearense de origem. Ele confessava, em carta, que havia se inspirado em uma lenda que ouvira quando criança sobre como surgira o “primeiro cearense” para criar sua obra.

O Brasil vivia então o auge da euforia nacionalista que se iniciara com a independência em 1822 e tomara corpo com a implantação da estética romântica, oficialmente, a partir de 1836. Os escritores românticos, tanto da prosa quanto da poesia, assimilaram os ideais nacionalistas do romantismo europeu e os adaptaram às condições peculiares de nossa realidade.

Surge então a chamada “cor local”, particularidade específica do romantismo brasileiro que consiste em valorizar a nossa natureza tropical, a nossa linguagem impregnada de influências de dialetos africanos e expressões indígenas e a idealização do índio, que era elevado à condição de herói, nos moldes dos cavaleiros medievais europeus.

Iracema destaca-se como a principal produção deste período na busca de uma identidade nacional nos moldes da “cor local” do nosso nacionalismo romântico.

Tempo e Espaço

O tempo é linear e cronológico, muitas vezes sendo marcado por fenômenos da natureza e não contabilizado por dias, semanas, meses, ou aspectos parecidos, mas sim o passar da lua, estações, modificações do espaço, etc.

O cenário é totalmente arquitetado não só no imaginário da terra brasileira primordial ao avanço da civilização com padrões europeus, como em um território nordestino, o Ceará, o qual era composto por uma natureza que regravava as ações humanas e não o contrário; berço, em tal alegoria, que sustentava o surgimento do legítimo brasileiro.

Narrador

A história é contada por um narrador observador que, dadas suas reflexões e caracterizações do espaço e seres, se mostra próximo e usuário da cultura e língua indígena, dando impressão de se tratar de um deles. Ele é também

observador, isto é, um narrador que caracteriza as personagens apenas a partir do que pode observar de seus sentimentos e de seu comportamento, como se percebe no trecho: "O sentimento que ele (Martim) pôs nos olhos e no rosto não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a *uiraçaba*, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara." (Capítulo 2). É possível perceber o jeito como ele privilegia as emoções da índia mais do que as do português, se mostrando mais próximo dela.

Personagens

Iracema: virgem dos lábios de mel, é índia pertencente ao povo tabajara e filha de Araquém, o pajé da tribo. Conhecedora do segredo de Jurema (uma bebida sagrada utilizada em rituais religiosos), é um tipo de vestal que guarda sua virgindade em nome de Tupã, e por isso é proibida de ter relações ou se juntar com qualquer homem. Mostra-se, durante a história, forte, sedutora, mas submissa ao amor, caracterizando-se como uma guerreira trágica.

Martim: era português e veio ao Brasil numa expedição, quando fez amizade com Jacaúna, chefe dos potiguaras, dos quais recebeu o nome de Coatiabo – guerreiro pintado. Corajoso, valente, audaz, representa o branco conquistador que sem impôs aos índios na época da colonização.

Araquém: pai de Iracema, pajé da tribo tabajara, tinha os olhos cavos e rugas profundas, além de compridos e raros cabelos brancos. Era um grande conselheiro e tinha o dom da sabedoria e liderança.

Caubi: irmão de Iracema, era bom caçador, corajoso, guerreiro, destemido e observador. Não guardou rancor da irmã quando ela saiu da tribo, mas sim foi visitá-la na choupana distante.

Irapuã: chefe dos tabajaras, traiçoeiro, ciumento, mas corajoso e valente. Gostava de Iracema e por isso estava sempre a lembrando de sua necessidade de se conservar virgem, além de incitar o conflito com Martim.

Poti: irmão do chefe dos potiguaras, tinha uma grande amizade por Martim, quem considerava irmão e de quem era aliado.

Jacaúna: chefe da tribo dos potiguaras, que habitavam as regiões litorâneas daquela parte do país.

Moacir: o nascido do sofrimento, “filho da dor”. É, na alegoria de Alencar, o primeiro brasileiro — fruto da união de um branco com um índio.

Análise Geral

O próprio título IRACEMA traz uma referência ao tipo de apresentação do tema que o autor propõe; *anagrama da palavra AMÉRICA*, o nome da índia, e do livro propriamente, sugere que esta não representa uma única pessoa, ou sequer uma tribo específica, mas toda uma etnia, um continente, virgem e atrativo aos olhos daqueles que, através da navegação, chegaram ao Novo Mundo.

José de Alencar, ao começar a retomar as características da etnia que foi esquecida como uma das integrantes da formação do povo brasileiro, procurou trazer à escrita uma linguagem que carregasse não só a cultura como a forma de *comunicação cotidiana tipicamente indígenas*. Palavras do linguajar tupi abarrotam as páginas do livro, o que sugere o minucioso trabalho do autor ao se dedicar a esse estudo.

É ainda, perceptível um tipo de *linguagem encantatória*, a qual recupera uma descrição impressionada dada pelos portugueses acerca da paisagem e natureza encontradas nas faixas tropicais do continente, característica no país “novo” e de certa forma ausente em seu local de origem. Natureza essa que se faz presente inclusive na descrição de Iracema, que apresenta uma série de *comparações entre seu corpo humano, personalidade e o cenário que a cerca*, reforçando a representação a qual ela envolve.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que o seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, (...) o pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas. (Capítulo 2)

A fauna e a flora são tipicamente do solo brasileiro, os pássaros, as árvores, desde o litoral, região habitada pelos potiguaras, até o interior das florestas, parte pertencente aos tabajaras, compreendem todo um cenário acolhedor, onde a *natureza é amigável, idealizada* e promove um ambiente aprazível aos navegadores que chegam até o local; fato que extingue a periculosidade selvagem que muitas vezes ela realmente apresenta.

Outro elemento idealizado é o índio, sendo a principal representante dessa aquisição de valor Iracema, a qual tem seu comportamento regido pelo *Mito do Bom Selvagem*. Parafraseada das obras de Jean Jacques Rousseau, e muito característica na literatura indianista no período do romantismo, por condizer com a retratação da época do

descobrimto de civilizações diferentes das tipicamente europeias, a filosofia afirma que o ser humano é bom por natureza, e é a sociedade que o corrompe.

Deste modo, a índia se torna maximizada em aspectos considerados virtuosos do ser, se mostrando corajosa, fiel, bondosa e pacífica em diversos momentos da obra, se elevando à condição de *heroína nos moldes de cavaleiros medievais europeus*, fato que não condizia com a realidade muitas vezes violenta, justificada com bases em suas crenças, costumes e situações em que se punham na presença de estrangeiros e inimigos que os verdadeiros índios possuíam.

Composta por todos esses aspectos, a história se trata de um *romance histórico*, já que funciona como um tipo de metáfora para a formação do povo brasileiro. Iracema, a intocada terra ainda não “descoberta”, se apaixona por Martim, um jovem aventureiro português — o qual, aliás, ganha vida historicamente na figura de Martim Soares Moreno, um cabo português que ajudou na colonização da capitania localizada na área do atual Ceará e expulsão dos holandeses do nordeste brasileiro com ajuda de alguns índios com quem fez amizade no litoral da região —, e depois de uma série de conflitos, idas e vindas dos personagens, cenas de submissão e abandono retratadas na pele da índia, que deixa sua família, povo, religião e deus por amor, dão vida a Moacir.

Para tal feito, Iracema, no entanto, é deixada a sentir o corpo morrer, enquanto Martim, apesar de perder a amada, volta a sua vida comum com o *filho da dor* nos braços, o *primeiro brasileiro*; primeiro cearense — posto que, na alegoria de Alencar, faz parte da formação desse Estado. “O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?” (Capítulo 33).

Dadas tais características, é possível perceber na história fictícia os *elementos reais* que a compõem; houve primeiramente a união do europeu com o índio que no Brasil residia, sendo o brasileiro fruto da miscigenação de suas origens. Mas a etnia realmente prejudicada, levando a morte de sua cultura e seu próprio corpo como consequência do acontecido, foi a que fazia parte do lindo cenário estendido por todo o país antes da colonização — outra morte essencialmente sentida para a composição do Brasil atual.

Capítulo 5: Machado de Assis

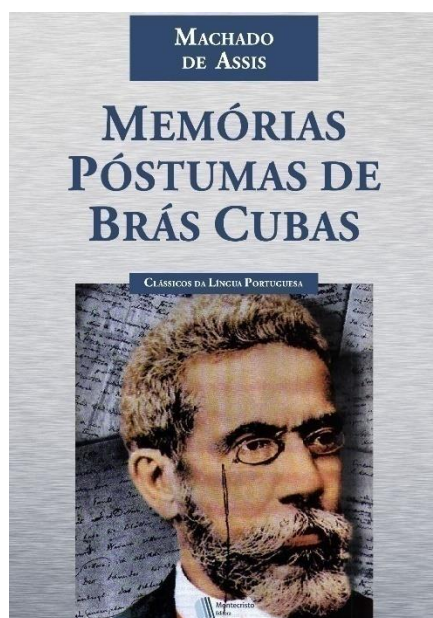


Joaquim Maria Machado de Assis foi um teatrólogo, romancista, poeta, contista, cronista e jornalista, nascido na capital de Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839. Faleceu em 29 de setembro de 1908, também no Rio de Janeiro, por conta de uma depressão. Foi o fundador da cadeira nº 23 da ABL (Academia Brasileira de Letras).

Veio de família humilde, seu pai, Francisco José de Assis, era pintor e dourador. Sua mãe, Maria Leopoldina Machado de Assis se fora muito cedo por conta de uma tuberculose, falecendo com apenas 36 anos, no fim da infância de Machado. Foi criado no Morro do Livramento, não tendo condições de estudar em grandes colégios. Com 15 anos, publicou seu primeiro trabalho literário, o soneto “À Ilma. Sra. D.P.J.A.”, datado em 3 de outubro de 1854.

É considerado um dos escritores mais importantes do mundo, ao lado de Dante, Shakespeare e Camões. Inovou com a obra Memórias Póstumas de Brás Cubas trazendo o Realismo à literatura brasileira. Suas obras influenciaram grandes autores como Carlos Drummond de Andrade e Lima Barreto.

Memórias Póstumas De Brás Cubas



Introdução à Obra

Em Memórias Póstumas de Brás Cubas, o título do livro já aguça no leitor uma peculiar curiosidade, já que mortos não conseguem escrever. Machado de Assis partiu de um ponto fora do comum e construiu um romance de cunho realista europeu, com seu protagonista sendo um autêntico representante da elite brasileira do século XIX.

O livro é dividido em 160 capítulos curtos, recheados de ironias. Logo no primeiro se expõe a morte de Brás Cubas, dando início às suas lembranças de vida, desde a infância até seus últimos dias. Esse era um homem rico e solteiro, que durante sua jornada viveu de enormes futilidades e desprezo pelos outros, sendo condenado por ele próprio após seu falecimento.

Nos próximos capítulos, Brás Cubas conta sua história de vida, explicando e alternando entre o falecido e o que vivera aqueles episódios. Torna-se muito interessante essa comparação de pensamentos e atitudes, na qual percebe-se a importância da experiência na vida.

Contexto Histórico e Socioeconômico

O romance foi originalmente escrito e publicado na segunda metade do século XIX no Brasil, mais especificamente em 1880, por meio de folhetins em jornais e revistas. Na infância de Brás, o país ainda era dependente de Portugal, sendo governado por D. Pedro I. A independência foi conquistada em 1822, na adolescência do protagonista. A elite da época foi muito retratada na obra como classe favorecida pelo governo brasileiro, mesmo após a declaração de independência.

O país continuava sendo governado para os grandes proprietários de terras, comerciantes e traficantes de escravos, o que representa a situação social da época, em que a escravidão não foi abolida e o poder continuou absoluto nas mãos do imperador. O autor, na obra, discute temas como a razão e a ciência, já que durante a época tais pontos haviam ganhado destaque na sociedade brasileira por estarem em desenvolvimento e constante evolução, além de retratar pessoas mais materialistas e interesseiras, as quais se tornam características nesse cenário devido ao crescente desenvolvimento do capitalismo.

Tempo e Espaço

A história se passa no Rio de Janeiro e tem uma breve passagem por Coimbra, Portugal. No livro, pode-se perceber e identificar alguns elementos que caracterizavam a elite brasileira da época, como a propriedade de chácaras, grandes jantares e riquezas. Um exemplo é a prataria da família de Brás, a qual causa discórdia entre as personagens num momento da obra.

Há dois tipos de tempo presentes na obra: o psicológico e o cronológico. O tempo psicológico possibilita a Brás Cubas, já morto, contar os fatos sem seguir uma ordem temporal linear, permitindo, por exemplo, relatar a morte antes do nascimento (Capítulo I). Isso provocou, na época em que o livro foi lançado, uma grande estranheza por parte dos leitores, que estavam acostumados a ler enredos com uma ordem sucessiva de fatos bem definidos.

O tempo cronológico não se faz ausente. Obedece a ordem: nascimento, adolescência, ida para Coimbra, volta para o Brasil e morte do protagonista.

Narrador

O foco narrativo está na primeira pessoa, agindo como protagonista e também em determinadas partes da trama como narrador-observador. Como se auto intitula um defunto autor, por Brás Cubas é quem conta a história já quando não pertence mais a esse mundo, ficando livre de julgamentos e realizando reflexões a todo momento.

Personagens

Brás Cubas: é o narrador e personagem principal da obra. Tudo se passa ao redor das lembranças da vida dele, pois este conta a história por seu ponto de vista depois de morrer aos 64 anos, por conta de uma pneumonia. Teve uma infância de mimos e uma adolescência de ações muitas vezes não pensadas. Tornou-se um homem um tanto egoísta e que tinha uma visão pessimista sobre a vida humana.

Marcela: prostituta pela qual Brás se apaixonou na adolescência. Sensual, era desejada por muitos homens e gostava de dinheiro, tanto que recebia presentes muito caros do protagonista. O romance dos dois, como declarado por Brás Cubas na voz de narrador, durou 15 meses e 11 contos de réis (realizando uma conversão hipotética para o real, aproximadamente R\$ 1.353.000,00), o que demonstra sua personalidade interesseira e caracteriza a relação dos dois como superficial. Separaram-se quando o pai dele o mandou para a Universidade de Coimbra, em Portugal.

Quincas Borba: amigo de infância de Brás, aprontava travessuras e sempre, desde criança, tinha o desejo de ser o melhor em tudo que fazia. Quando adulto, se tornou um mendigo, evoluindo mais tarde para filósofo e criando a filosofia do humanitismo.

Damião Lobo Neves: descrito por Brás como frio e sério, tinha personalidade ambiciosa e era casado com Virgília, mulher com quem o protagonista teve um caso. Lobo Neves era muito supersticioso, chegando a recusar a nomeação de presidente de uma província só porque aconteceria em um dia 13.

Virgília: filha de um político de renome, é com quem o pai de Brás tenta casá-lo a fim encaminhá-lo na carreira política, mas a mesma prefere se juntar a Lobo Neves por interesse. Bonita e ambiciosa, aparenta ter um sentimento sincero pelo protagonista, mas não querendo abrir mão de sua posição social e vantagens, não rompe sua relação para ficar com Brás.

Eugênia: mulher bela e jovem, tem olhar direto e penetrante. Séria e tranquila, teve um romance bem breve com Brás, porém o mesmo não quis dar continuidade por conta de um problema físico dela: era manca.

Sabina: irmã de Brás. Assim como Virgília, era interesseira e valorizava mais seus desejos e sua posição social do que laços de amizade e parentesco. Um episódio marcante foi quando a mesma discutiu com Brás por conta de uma prataria deixada de herança após a morte de seu pai.

Prudêncio: na infância de Brás, era um escravo, tratado por ele com um certo nível de amizade. Quando recebe sua carta de alforria, com todo um sentimento de revolta e ódio decide se vingar de todo o sofrimento que viveu comprando um escravo e castigando-o como faziam com ele. Representa uma forte crítica ao sistema escravista da época.

Análise Geral

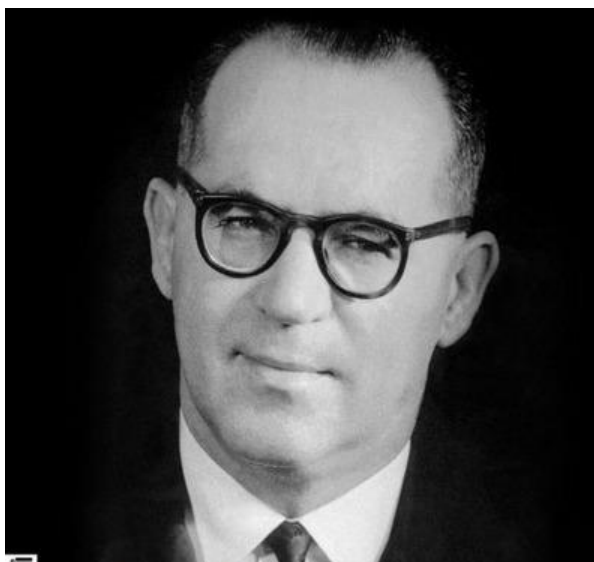
Quando tal obra foi publicada na primeira edição, um enorme estranhamento tomou conta dos leitores. O narrador é um tanto quanto ousado e o enredo da história nem um pouco comum. Trata-se de um “defunto autor”, como o próprio Brás Cubas se define no capítulo primeiro. O livro já começa a partir da morte do protagonista e então dela inicia-se o contar das memórias.

Machado de Assis transparece seu estilo muito caracterizado pela inserção de ironias, sarcasmos e reflexões, essas muitas vezes originadas de um simples fato ocorrido na história e que se encadeiam, até chegar em uma determinada conclusão. A elite brasileira e os indivíduos que a compõem são retratados sem idealização romântica, na qual alguns são, por exemplo, motivados pelos interesses próprios, como Virgília e Marcela.

Com um enredo recheado de digressões, o autor mostra aos leitores a visão do mundo de um homem que não teve grandes feitos em sua vida, mas com grandes desejos. Utilizando-se da metalinguagem, desperta na pessoa que está lendo pensamentos e raciocínios sobre a estrutura da obra, como “por que foi contada tal lembrança em determinado momento”, além de aproximá-la da história se dirigindo diretamente a ela.

Veja o leitor a comparação que melhor lhe quadrar, veja-a e não esteja daí a torcer-me o nariz, só porque ainda não chegamos à parte narrativa destas memórias. Lá iremos. Creio que prefere a anedota à reflexão, como os outros leitores, seus confrades, e acho que faz muito bem. (Capítulo 4)

Capítulo 6: Guimarães Rosa



João Guimarães Rosa, autor de importantes obras do cenário literário brasileiro, como “Grande Sertão: Veredas” e “Sagarana”, é um dos grandes representantes do realismo no Brasil. Nasceu em 1908 e faleceu no ano de 1967.

Nasceu no interior de Minas Gerais, onde morou com seus pais e estudou até o ano de 1918, indo para a cidade de Belo Horizonte, capital do estado, para estudar e morar com seus familiares. cursou medicina na Universidade de Minas Gerais e se formou no ano de 1930, quando começou a escrever seus contos.

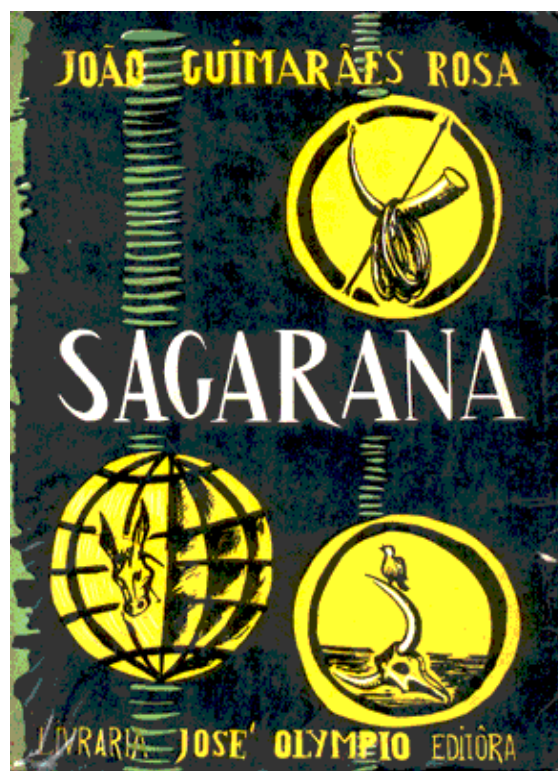
Era um jovem extremamente culto, falava aproximadamente nove idiomas diferentes. Em 1932, entrou para o grupo de médicos voluntários da força pública, mesmo ano da revolução constitucionalista, e em 1934, se tornou cônsul brasileiro na Alemanha, onde ficou até o ano de 1951, quando retornou ao Brasil.

Mesmo trabalhando, Guimarães ainda se dedicava a suas obras, sendo a primeira escrita no ano de 1929 para um concurso. Sagarana começou a ser redigida pelo autor em 1937, mas publicada apenas no ano de 1946, carregando consigo inovações e características diferenciadas para época.

O livro nos apresentava uma temática referente ao sertão e seu cotidiano, tornando a obra uma das principais da carreira do autor e representante máxima de seu repertório no movimento realista no país.

Após sua morte, recebeu homenagens que destacavam sua forma autêntica de representar as histórias em seus contos, sendo a mais importante feita pelo escritor Carlos Drummond de Andrade em 1967, um poema intitulado “Um chamado João”.

Sagarana



Contexto Histórico e Socioeconômico

Durante o período entre 1937 e 1945 no qual o livro foi escrito, houve como principal acontecimento do ponto de vista global a Segunda Guerra Mundial. Foi o maior conflito internacional entre países, responsável pela morte de milhões de pessoas em todo mundo. Vale lembrar que Guimarães, autor da obra, trabalhou como cônsul na Alemanha até o ano de 1951, ou seja, ele viu de perto o confronto, embora o fato não tenha relação direta com suas obras.

A Guerra Mundial se iniciou com o desenvolvimento de regimes totalitários como o Nazismo (Alemanha) e o Fascismo (Itália), que em busca de se industrializar e reconquistar antigas terras perdidas, formaram uma aliança junto ao Japão chamado de “Eixo”.

A guerra teve início em 1939 e terminou em 1945, com a vitória dos Aliados, que eram a união dos Estados Unidos, França, Rússia e Inglaterra. Ela foi marcada pela morte de milhões de pessoas e pelo surgimento de novas tecnologias, como a bomba atômica, além do avanço econômico de Estados Unidos e Rússia.

No Brasil, vivia-se a época da Era Vargas, período no qual o país foi governado por Getúlio Vargas e passou por várias mudanças econômicas e sociais.

Também marcava-se o fim da política do coronelismo, manipulação de posse do poder presidencial e, conseqüentemente, com a soberania dos estados de São Paulo e Minas Gerais, que controlavam o Governo da época na chamada “República do Café com Leite”.

No entanto, mesmo após o fim da República do Café com Leite, Minas Gerais se manteve poderosa com a união de sua elite a Getúlio Vargas, como é demonstrado no livro de forma sutil.

Tempo e Espaço

Os nove contos adotam uma linearidade e focam principalmente no tempo psicológico dos personagens. O tempo cronológico aparece em apenas alguns contos, como no intitulado “A Volta do Marido Pródigo”.

A obra se passa em Minas Gerais, mais especificamente no interior do estado, espaço importante do ponto de vista cultural para a narrativa, mas do ponto de vista geográfico, sem muita relevância, sendo que suas características não são muito indicadas, como ocorre em obras como “Vidas Secas”. Rio de Janeiro e Goiás são citados, mas com importância mínima.

Narrador

De modo geral, a narrativa está em terceira pessoa, com um narrador observador em sete dos nove contos do livro. Os únicos contos nos quais isso não acontece são “São Marcos” e “Minha Gente”, que têm foco narrativo na primeira pessoa.

Temática

Foca em assuntos do cotidiano como a morte, fome, doenças, amor, rivalidades, desigualdade, entre outros. Também apresenta características culturais do interior de Minas Gerais.

Estrutura

- Divisão em nove contos/novelas;
- Narrativa linear;
- Histórias curtas;
- Estilo Realista;
- Retratação da realidade e cotidiano;
- Grande uso da oralidade;
- Abandono da norma culta;
- Caráter Regionalista.

Resenha por Conto

1. O Burrinho Pedrês

Esse é o primeiro conto da obra Sagarana. Conta a história do burrinho Sete-de-Ouros, um animal calmo e idoso que morava na fazenda do Major Saulo. Ao longo da história acompanha-se a travessia de Sete-de-Ouros e outros animais por um rio da região.

Há também a presença de personagens como vaqueiros, nos quais pode-se ver experiências de vida, casos e outros aspectos do seu cotidiano, o que nos permite contemplar a simplicidade de seus costumes, além de características como falta de escolaridade, credices da região, amizade, honra e o mais.

Tem-se como principal assunto a briga entre os boiadeiros Silvino e Badú, por conta de uma traição amorosa.

Personagens Principais

Major Sauro, Silvino e Badú são personagens que representam grande importância na construção da história, mas o burrinho Sete-de-Ouros é o que merece maior atenção, já que a análise que o vestibular cobra desse trecho se reflete nele. Primeiro, por ser um personagem animal, principal diferença entre este e os outros componentes do conto; segundo, por ser o idealizador do ponto de vista pelo qual se visualiza a história, o que traz uma percepção diferente do mundo, uma mais simples, que faz uma crítica à humanidade com a comparação entre suas ações e as de bois, vistos mais à frente no livro.

Também é possível fazer um paralelo dele com a cachorrinha Baleia da obra "Vidas Secas"; mas diferentemente de Sete-de-Ouros, Baleia não expressa a crítica que é fundamento do conto de Guimarães.

2. A Volta do Marido Pródigo

O segundo conto do livro conta a história do personagem Lalino, um típico malandro, encontrado muitas vezes na literatura nacional, que não gosta muito de trabalhar e quer vencer na vida sem merecimento.

Na primeira parte da história, encontra-se o protagonista abandonando sua esposa, Maria Rita, para ir a uma construção no estado do Rio de Janeiro, o que demonstra seu egoísmo e sua busca por melhores condições de vida, algo comum na época. Nessa parte da obra, pode-se ver o personagem inventando mentiras para se entrosar com as pessoas de onde está, o que remete à tendência de querer parecer pertencer a uma realidade que não é a dele.

Na segunda parte, é mostrada a volta de Lalino para Minas Gerais depois de ter percebido que não se daria bem no outro estado. No entanto, o personagem se depara com sua antiga esposa agora casada com Ramiro, um espanhol para o qual havia trabalhado, representando a imigração de estrangeiros para a região. Mais à frente, é possível vê-lo, ainda, servindo como cabo eleitoral para eleição numa fazenda, o que demonstra como as eleições eram feitas naquela época.

Personagens Principais

Alguns personagens importantes para a narração são Maria Rita, a esposa do protagonista Lalino, Ramiro, o espanhol com quem ela se casa depois que é abandonada, Major Anaclero e o próprio Lalino, que representa com clareza traços típicos do realismo na forma de suas conquistas por trapanças e desejos ambiciosos.

3. Sarapalha

Esse conto mostra a história de dois primos, Argemiro e Ribeiro, que após contraírem febre amarela, doença típica da época, se encontram e passam seus últimos dias juntos relembrando a vida. O que nos remete ao livro "Memórias Póstumas de Brás Cubas", no qual o personagem principal já está morto e começa a relembrar sua vida econômica, social, moral e principalmente amorosa, como acontece nessa parte de "Sagarana", o que permite comparações entre as duas.

4. Duelo

Esse conto aborda questões como traição e justiça com as próprias mãos, algo comum naquele período e região, representados no duelo entre Turíbio e Cassiano.

Personagens Principais

Turíbio, Cassiano, Silvana e Vinte e Um.

5. Minha Gente

É o primeiro conto que não é narrado em terceira pessoa, mas sim em primeira, pelo personagem principal, Emílio. Este está apaixonado por sua prima, Maria Irma, que por sua vez está apaixonada por Ramiro, que está noivo de outra moça. Assim a história vai se desenrolando e apresenta um fim inusitado.

Personagens principais

Emílio, personagem principal, estudou fora do estado por um tempo, mas idealista, retornou para ver seu tio, trazendo um certo duelo de perspectiva com visões do local sobre temas como religião, política e outros mais. No entanto, tudo fica em segundo plano em contraste com seus romances. Outros personagens são Maria Irma, Ramiro e Armanda.

6. São Marcos

Este foca mais num aspecto religioso; mostra o confronto moral entre um homem que não acredita na fé religiosa e tem sua vida salva por São Marcos, demonstrando fortemente aspectos culturais da região acerca das crenças que seu povo sustenta.

Personagens Principais

José, Aurísio Manquitola e João Mangolô.

7. Corpo fechado

Como em “São Marcos”, apresenta a questão religiosa, mas de um ponto diferente, demonstrando práticas como feitiçaria e credices.

8. Conversa de Bois

Esse conto traz personagens que se assemelham ao burrinho Sete-de-Ouros, pois narra a travessia de alguns bois que carregam um morto e conversam sobre como os humanos podem ser ruins e no quanto seus donos os maltratam, o que os leva a um levante.

Personagens Principais

Tiãozinho, Didico, Agenor e Boi Brilhante.

9. A Hora e a Vez de Augusto Matraca

Esse conto talvez seja o mais famoso dos nove. Mostra a história de Augusto, um homem rico e muito mau que sofre uma reviravolta na vida e acaba perdendo tudo, passando assim, o resto da história tentando alcançar a redenção, no final de sua saga, se tornando bom.

Personagens Principais

Augusto Matraca é, sem dúvida, o personagem de maior destaque em toda a obra de Guimarães Rosa. Tendo uma personalidade forte e grande impetuosidade, trata mal esposa e filha e não apresenta uma boa relação com as pessoas e funcionários ao seu redor. Na segunda etapa, ele acaba, depois de todos os acontecimentos ruins em sua vida, se tornando uma boa pessoa e conseguindo um fim heróico.

Análise Geral

Sagarana é um dos grandes livros representantes do realismo no Brasil, começou a ser escrito em 1937 e foi publicada no ano de 1946, sendo um dos maiores sucessos do autor Guimarães Rosa e, atualmente, reconhecido como uma importante obra da literatura nacional.

A obra apresenta características marcantes, como a notada a partir de seu título, “Sagarana”, o qual na verdade não é uma palavra real, mas sim criada por seu autor, sendo a combinação de “saga”, vocábulo de origem germânica que significa “canto heróico”, e “rana”, de origem indígena, que significa “espécie de”, o que o traduz como “espécie de canto heróico”.

Essa é uma característica marcante da literatura de Guimarães; a criação de palavras através de radicais de outros idiomas, aspecto ainda mais aprofundado em seus próximos livros.

Seus personagens também são marcados pelo uso desses neologismos (palavras criadas ou com atribuições de significados que geralmente não lhe cabem). São, além disso, personagens que carregam com si características da região onde vivem. Pessoas pobres, de baixa escolaridade, que tentam acompanhar e falar igual a seus patrões, geralmente com mais poder aquisitivo e de influência e que têm alta escolaridade.

O livro é dividido em nove contos, que embora falem dos mesmos assuntos, a fome, religião, heroísmo, bem e mal, entre outros, não têm relações diretas apresentadas entre si.

Todas as narrativas possuem caráter fabular, ou seja, apresentam uma moral. Além disso, seus personagens não aparecem em outros contos, e existe um começo meio e fim em cada uma das narrativas.

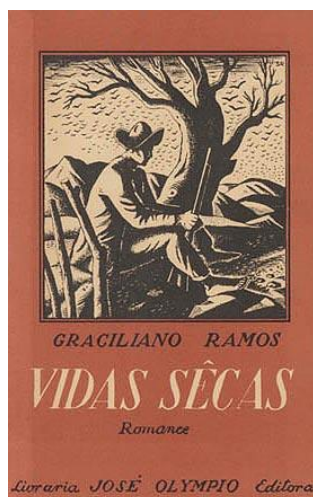
Capítulo 7: Graciliano Ramos



Graciliano Ramos (1892-1953) foi um escritor brasileiro que teve como obra de maior destaque o romance “Vidas Secas” de 1938. É apontado como o melhor ficcionista do Modernismo e também como o prosador de maior destaque na segunda fase do movimento. Suas obras, apesar de tratarem de problemas sociais do Nordeste brasileiro, exibem uma visão crítica das relações humanas que as tornam de interesse universal, visto que seus livros foram traduzidos para diferentes países.

Seus trabalhos "Vidas Secas", "São Bernardo" e "Memórias do Cárcere" foram levados para o cinema. Recebeu o Prêmio da Fundação William Faulkner, dos Estados Unidos, pela obra “Vidas Secas”.

Vidas Secas



Introdução à Obra

O livro narra a história de uma família de retirantes que está fugindo da seca pelo Nordeste. É contada em treze capítulos independentes, ou seja, que não precisam de uma ordem para serem lidos.

Se o início da leitura for no capítulo um, encontra-se a família de Fabiano procurando uma casa para se estabelecer, e pelo caminho passando por diversas dificuldades, tendo até mesmo que se alimentar do papagaio de estimação. Por fim, encontram uma fazenda abandonada e decidem se estabelecer até que descubrem que o local possuía um dono. Fabiano entra em um acordo com esse, prometendo cuidar da fazenda e ainda pagar-lhe uma quantia como uma espécie de aluguel, e este aceita, mas como era um homem desonesto, passa a explorar Fabiano lhe cobrando mais do que deveria.

A família se estabelece na fazenda, e a partir daí começam a ser narradas situações pelas quais as personagens passam, como uma festa, a repressão dos pais acerca de seus filhos, morte, cadeia, entre outros, até que percebem que a seca novamente se aproxima e partem da cidade. Assim, tem-se a estrutura cíclica da narrativa, de modo que o livro começa e termina com a família na mesma situação de retirantes, como se tivessem voltado ao ponto de partida.

Contexto Histórico e Socioeconômico

O mundo passava por uma intensa crise financeira na década de 1930. Na Europa, em 1939, inflamavam-se os conflitos que dariam início à Segunda Guerra Mundial. Também crescia a tensão entre duas ideologias contrapostas: o capitalismo e o socialismo. No Brasil, na Era Vargas iniciava-se uma “caça aos comunistas”, que levaria muitos artistas e intelectuais ao exílio ou à prisão.

Graciliano Ramos foi preso em 1937, e nessa época já era um escritor reconhecido, com três obras publicadas. Quando saiu da prisão, procurou serviço como jornalista em um jornal do Rio de Janeiro. O editor lhe ofereceu a oportunidade de publicar um texto curto (um conto).

Graciliano escreveu então um conto chamado “Baleia”, que retratava o sofrimento e morte da cachorrinha de uma família de retirantes, no sertão nordestino. O conto fez sucesso e o jornal pediu outros do mesmo estilo. Graciliano, então, criou uma pequena história para cada integrante da família de Baleia, Fabiano, o pai, Sinhá Vitória, a mãe, e os dois filhos, o mais velho e o mais novo. Mais tarde, Graciliano reuniu os contos e assim nasceu sua obra mais famosa, “Vidas Secas”.

Tempo e Espaço

Por ser um romance com capítulos independentes, não existe linearidade na exposição dos fatos, além de o tempo psicológico — que é “mental”, não segue uma ordem linear, como no trecho de Machado de Assis: “Os minutos voavam, ao contrário do que costumam fazer, quando são de espera; ouvi bater onze horas, mas quase sem dar por elas, um acaso” — ser mais valorizado que o cronológico — que é contado no relógio por medidas como horas, dias, anos, numa ordem de tempo linear, uma sequência em sentido horário, como no exemplo: “Hoje, acordei, tomei banho e me vesti para ir à escola. Tinha um acidente na rodovia, por isso peguei um engarrafamento enorme e terminei chegando atrasada para a aula”.

Narrador

Vidas secas é narrado em terceira pessoa, sendo que o autor utiliza o discurso indireto livre, forma em que as falas dos personagens se misturam à fala do narrador em terceira pessoa. Acredita-se que Graciliano não permitiu que nenhum de seus personagens narrasse a história pois isso interferiria no entendimento de quem a lesse, tendo em vista que essas figuras utilizam muito do regionalismo para se comunicar e o leitor deveria ter mais proximidade com seus comportamentos e personalidades.

Personagens

Fabiano: O nome do personagem já indica rusticidade e rudeza; o Dicionário Aurélio lhe dá como sinônimos possíveis “indivíduo inofensivo”, “pobre-diabo”. O livro o descreve, acerca de sua aparência, com barba ruiva e olhos azuis. Este é chefe da família, não sabe contar, possui um coração rude e acredita que gente “como ele” deve entender seu lugar na pirâmide social; a base.

Sinhá Vitória: é a esposa de Fabiano e mãe das duas crianças. Em certo trecho do livro, Fabiano a elogia por ainda manter seu belo corpo. É um pouco mais dotada de inteligência que seu marido, pois consegue fazer contas, e seu maior sonho é ter uma cama igual a de Seu Tomás da Bolandeira, porque a cama em que dorme com Fabiano é muito desconfortável.

Baleia: A cachorra da família está sempre alegre e à procura de preás (pequenos roedores semelhantes a porquinhos-da-índia), todos da família sentem um grande carinho pela cachorra.

Filho mais velho e Filho mais novo: As crianças não recebem nome, sendo descritas na história toda como o “mais velho” e o “mais novo”. O mais novo admira em muito seu pai, desejando tornar-se igual a ele, já o mais velho, é mais apegado à mãe e possui uma personalidade mais curiosa.

Soldado Amarelo: Este personagem é a representação do momento no qual Graciliano Ramos vivia, a ditadura e repressão do governo Vargas. O Soldado Amarelo (amarelo por causa de suas roupas) é oportunista e corrupto, chegando a espancar Fabiano, gerando nesse um sentimento de revolta que pode ser acompanhado por vários capítulos do livro.

Papagaio: No capítulo I – Mudança, o narrador conta que a família em seu momento de fome se alimentou do papagaio. Para tentar diminuir a culpa, Sinhá Vitória diz que o papagaio não servia para nada e era quieto, mesmo sendo do

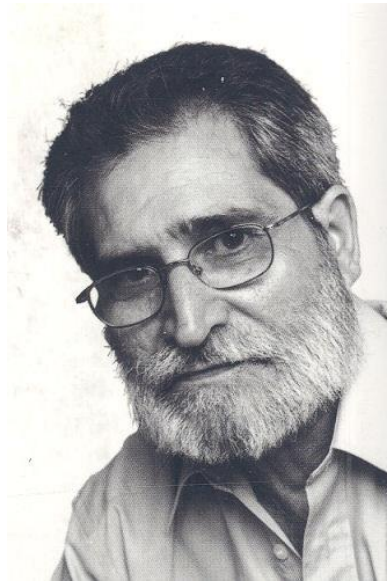
costume da família falar poucas palavras, coisa que causava um terrível silêncio o qual o papagaio certamente não ousava quebrar.

Análise Geral

Ler *Vidas Secas* é conhecer um pouco da realidade do sertão nordestino da época. Através da história de Fabiano e sua família, questiona-se o porquê de tanta injustiça social, pois na mesma situação, encontram-se muitos Fabianos e Sinhas Vitórias em busca do mínimo que um ser humano pode querer; viver.

A nota marcante do livro é o desencontro dos seres. Os diálogos são raros e as frases ou palavras que vêm diretamente da boca das personagens são apenas exclamações, grunhidos ou mesmo xingatórios. A terra é seca, mas sobretudo o homem é seco, daí o título “*Vidas Secas*”. O discurso do narrador é igualmente construído com frases curtas, incisivas, enxutas, quase sempre períodos simples.

Capítulo 8: Pepetela



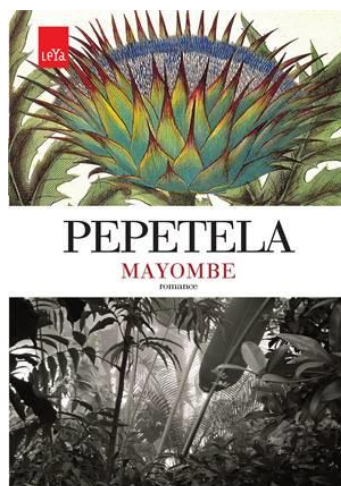
Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, conhecido pelo pseudônimo de Pepetela, é um escritor africano nascido na cidade de Benguela, Angola, em 29 de outubro de 1941. Frequentou a Universidade de Lisboa e anos depois foi para Paris, por fim, se fixando na Argélia, onde fez licenciatura em sociologia e passou a representar o MPLA (Movimento Popular de Libertação da Angola) e o centro educacional que criou.

Em 1969, participou da luta de libertação angolana, em Cabinda, sendo guerrilheiro e ao mesmo tempo, responsável pelo setor da educação. Foi nessa época que adotou o nome de guerra; Pepetela.

Após o tratado de paz feito com o governo Português em 1974, Pepetela continuou a carreira em cargos educativos, participando da fundação da União dos Escritores Angolanos. Atualmente é presidente da Assembleia Geral de Cultura e da União dos Sociólogos de Angola e membro da Academia de Ciências de Lisboa.

Além de romances, ele escreveu crônicas e peças de teatro, recebendo em 1997 o "Prêmio Camões".

Mayombe



Introdução à Obra

Mayombe é um romance do escritor angolano Pepetela publicado originalmente em 1980. Foi escrito entre 1970 e 1971, quando o autor era um guerrilheiro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), e trata do cotidiano dos revolucionários angolanos na guerra colonial contra as forças portuguesas. No ano da sua publicação, Mayombe rendeu ao seu autor o Prémio Nacional de Literatura de Angola, e, em 2016, o livro entrou para a lista das leituras obrigatórias da Fundação Universitária para o Vestibular, da Universidade de São Paulo, tornando Pepetela o primeiro autor africano a fazer parte da relação das obras.

"O Mayombe começa com um comunicado de guerra. Eu escrevi o comunicado e...o comunicado pareceu-me muito frio, coisa para jornalista, e eu continuei o comunicado de guerra para mim, assim nasceu o livro." - Pepetela.

Contexto histórico e socioeconômico.

A Guerra de Independência de Angola, também conhecida como Luta Armada de Libertação Nacional foi um conflito armado entre as forças independentistas de Angola (UPA/FNLA, MPLA e UNITA) e as Forças Armadas de Portugal, que até então dominavam a colônia angolana. A guerra teve início em 4 de Fevereiro de 1961, durou mais de 13 anos e terminou com um cessar-fogo em Junho (com a UNITA) e Outubro (com a FNLA e o MPLA) de 1974. A independência de Angola foi estabelecida a 15 de Janeiro de 1975, com a assinatura do Acordo do Alvor entre os quatro intervenientes no conflito.

Ler Mayombe é mergulhar no literário, histórico, social, humano (nada belo, por sinal). A história de um pequeno grupo de guerrilheiros que lutam pela independência de Angola diante de seu colonizador (Portugal) surge de forma desromantizada nesta narrativa.

A expectativa de que o autor nos mostre guerrilheiros única e exclusivamente comprometidos com o ideal da independência é quebrada, afinal, antes de tudo, são humanos, homens e mulheres que lutam por um ideal coletivo, mas também traem, choram, mentem, no romance, tudo ganha o peso do contexto da luta pela independência, o que torna as relações quase sempre tensas.

Tempo e Espaço

A obra recebe esse nome pois faz menção a uma região da África Ocidental que inclui os países Angola (província da Cabinda), República do Congo, República Democrática do Congo e Gabão.

Mayombe é uma narrativa escrita em tempo cronológico que analisa a organização dos combatentes do MPLA, esclarecendo as dúvidas sobre as contradições, medos e convicções que levavam os guerrilheiros à busca de liberdade no interior da densa floresta tropical que dá nome ao livro.

Narrador

A obra é organizada em seis capítulos, e neles há variação do foco narrativo – um narrador onisciente e onipresente se intercala com os personagens, guerrilheiros do MPLA, como narradores da história. Com isso, percebe-se que nem mesmo a revolução se organiza em união, sendo enxergada de formas diferentes pelos seus próprios membros. Cada um desses personagens, com origem, ideologia, visão e propostas próprias, possui também ideais distintos que os impedem de lutar pela mesma causa de liberdade.

Personagens

Teoria: professor da base pertencente ao MPLA. É filho de um português com uma africana.

Comissário: um dos líderes políticos do MPLA chamado João.

Chefe de Operações: um dos líderes do MPLA.

Sem Medo: o comandante do MPLA.

Lutamos: guerrilheiro do MPLA.

Verdade: guerrilheiro do MPLA.

Muatiânvua: guerrilheiro do MPLA.

Ekuikui: guerrilheiro do MPLA.

Pangu-A-Kitina: guerrilheiro do MPLA.

Milagre: guerrilheiro do MPLA.

Ingratidão do Tuga: guerrilheiro do MPLA.

Vewê: guerrilheiro do MPLA.

Mundo Novo: guerrilheiro do MPLA.

André: primo do comandante, responsável pelo envio de alimentos à Base.

Ondina: professora e noiva do Comissário.

Análise Geral

O romance *Mayombe* é como um texto documental ou de reportagem, já que apresenta as lutas entre os guerrilheiros angolanos e as tropas portuguesas durante a libertação do país. O autor mostra a dificuldade desses personagens, enfatizando as diferenças e as rivalidades entre as tribos, o que acaba gerando a falta de um ideal entre todos.

O livro é dividido em seis capítulos: *A Missão*, *A Base*, *Ondina*, *A Surucucu*, *A Amoreira* e *Epílogo*. Os personagens são nomeados a partir de alegorias de guerra conforme os objetivos do MPLA. Seguindo essa lógica, há o personagem *Sem Medo* (o comandante), *Teoria* (o professor), *Verdade e Lutamos* (destribalizados) e *Mundo Novo*, representante da elite africana que vai estudar fora de seu país, entre outros.

Ondina, a personagem feminina, é a mulher que faz as transformações em alguns guerrilheiros do *Mayombe*, como por exemplo, o Comissário Político, seu noivo, que é obrigado a amadurecer diante da traição e do rompimento da relação com ela, e *Sem Medo*, que é impelido a refletir sobre o amor e a sacrificar seu desejo por ela.

Trata-se de algo interessante notar que *Ondina* é a personagem que não tem voz na narrativa de *Pepetela*, o que reflete a crítica acerca da desigualdade de gênero na luta instaurada em Angola por libertação e justiça.

Por fim, a floresta – personagem – faz um novo homem para um novo momento histórico em Angola. *Pepetela*, por meio da apropriação do espaço de *Mayombe*, procura, simbolicamente, percorrer a história angolana por meio do território invadido e ocupado pelos colonos, seja no que diz respeito à terra ou à identidade do povo de Angola.

Por fim, a história traz uma moral que identifica os conflitos internos dos grupos guerrilheiros e os impõe uma solução: As rivalidades devem ser deixadas de lado, pois os sentimentos, as angústias, os medos são de todos.

Capítulo 9: Aluísio De Azevedo



Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís em 1857 e, em 1871, matriculou-se em uma escola artística para se dedicar à pintura. Em 1876 foi levado por seu irmão, o jornalista e teatrólogo Artur Azevedo, para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Academia Imperial de Belas Artes e logo passou a colaborar com poesias e caricaturas para jornais e revistas.

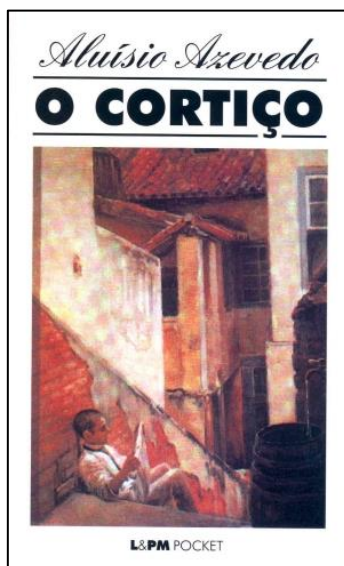
Com a morte de seu pai no ano de 1879, Aluísio voltou para o Maranhão para cuidar da família e começar a escrever romances. Seu primeiro livro foi "Uma Lágrima de Mulher" (1880), obra considerada exageradamente sentimental e de estilo romântico. Um ano depois, Aluísio publicou "O Mulato", romance que deu início ao Movimento Naturalista no Brasil. Essa obra criticava o preconceito racial que existia na burguesia maranhense, obtendo grande sucesso e sendo bem recebida pela Corte como exemplo de Naturalismo. Aluísio, então, pôde retornar ao Rio de Janeiro, embarcando em setembro de 1881, para a ganhar a vida como escritor.

Passou a publicar seus romances nos folhetins dos jornais, já que eram curtos e garantiam sua sobrevivência. Depois de um tempo, passou a levar em consideração questões de observação e análise dos agrupamentos humanos, a degradação das casas de pensão e sua exploração pelo imigrante, principalmente português. Dessas questões surgiram duas obras de sucesso; "Casa de Pensão" (1884) e "O Cortiço" (1890).

De 1882 a 1895 escreveu sem pausa contos, romances e crônicas, além de peças de teatro em colaboração com seu irmão, Artur de Azevedo, e Emílio Rouède. Em 1885 entrou para a diplomacia, atuando como cônsul, e praticamente parou de escrever suas obras. O primeiro posto foi em Vigo, na Espanha, depois serviu no Japão, na Argentina, na Inglaterra e na Itália. Vivia com D. Pastora Luquez, uma mulher argentina, e os dois filhos dela, Pastor e Zulema.

No ano de 1910, foi nomeado cônsul de 1^a. classe, sendo removido para Assunção. Buenos Aires foi seu último posto, ali faleceu, aos 56 anos. Foi enterrado naquela cidade e seis anos depois, pela ação de Coelho Neto, a urna funerária chegou a São Luís, onde o escritor foi sepultado. Além de ser o autor de obras famosas, Aluísio também é membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

O Cortiço



Introdução à Obra

No começo do livro, narra-se a história de João Romão, dono de uma venda que logo compra um terreno e começa a construir um cortiço e uma pedreira. Faz isso ao lado de sua amante, Bertoleza, uma escrava fugitiva, que inicialmente fica com João Romão porque este lhe promete uma carta de alforria, a qual na verdade nunca conseguiu, e vai se acostumando à rotina de trabalho árduo ao seu lado.

O vizinho de João Romão, Miranda, é um comerciante bem estabelecido, que cria uma disputa com esse por uma braça de terra a qual desejava comprar para aumentar seu quintal. Como os dois não entram em um consenso, há um rompimento provisório de relações entre eles.

Miranda vive em um casamento infeliz com Estela, pois a mulher o trai, dormindo até mesmo em quartos separados. Quando Zulmira, a filha do casal, nasce, e ao invés de servir de elo entre os dois, ela apenas os separa, pois Estela julgava-a filha do marido, por isso, não amando tanto, já Miranda, a detestava pois a julgava fruto de uma das traições de Estela.

Miranda, no entanto, tem que aturar o casamento por motivos financeiros, já que é a esposa que lhe provém dinheiro. Essa dependência é exatamente a causa da inveja que tem de João Romão, que conquista sua riqueza por meio do trabalho e é dono sozinho de tudo que tem.

Tinha inveja do outro, daquele outro português que fizera fortuna, sem precisar roer nenhum chifre; daquele outro que, para ser mais rico três vezes do que ele, não teve de casar com a filha do patrão ou com a bastarda de algum fazendeiro freguês da casa! (Capítulo 1)

O Cortiço cresce e com isso novas histórias são apresentadas, como a de Dona Isabel e sua filha Pombinha, que esperava ter sua primeira menstruação para se casar; a de Jerônimo e Piedade, portugueses que se mudaram para o cortiço; a de Paula, uma cabocla velha a quem todos chamavam de Bruxa por sua aparência e por sua sabedoria em benzer erisipelas (infecção da camada superficial da pele que provoca feridas vermelhas, inflamadas e dolorosas) e cortar febres por meio de rezas e feitiçarias; a de Rita Baiana, uma mulata de corpo sensual que possuía um caso com Firmo; Marciana e sua filha, entre outras. Uma verdadeira mescla de vidas que se desenvolve ali mesmo, dentro do Cortiço, o qual não é considerado um espaço apenas, mas um personagem da trama.

Contexto Histórico e Socioeconômico

Como obra literária, “O Cortiço” não pode ser usado como documento histórico da época, mas ele se torna muito útil para melhor entendimento do Brasil no século XIX. Não há como negar que as relações sociais fictícias apresentadas na obra eram muito presentes no país.

Para escrever essa obra, Aluísio teve como influência maior o romance “L’Assommoir”, do escritor francês Émile Zola, que prescreve um rigor científico na representação da realidade. A intenção do método naturalista era fazer uma crítica contundente e coerente de uma realidade corrompida. Zola e, neste caso, Aluísio combatem, como princípio teórico, a degradação causada pela mescla de pessoas. Por isso, os romances naturalistas são constituídos de espaços nos quais convivem pobres de várias etnias. Esses espaços se tornam personagens do romance.

É o caso do cortiço, que se projeta na obra mais do que os próprios personagens que ali vivem. O narrador compara o cortiço a uma estrutura biológica (floresta), um organismo vivo que cresce e se desenvolve, aumentando as forças daninhas e instituindo o caráter moral dos indivíduos que moram em seu interior.

Além de expressar a desigualdade social, a obra expõe práticas recorrentes no Brasil do século XIX. Na circunstância de capitalismo incipiente, o explorador vivia muito próximo ao explorado, daí a estalagem de João Romão estar junto aos pobres moradores do cortiço. Ao lado, o burguês Miranda, de condição social mais elevada que João Romão, habita em seu palacete com ares aristocráticos e teme o crescimento do cortiço. Por isso pode-se dizer que “O Cortiço” não é somente um romance naturalista, mas uma alegoria do Brasil.

A intenção de Aluísio era provar, por meio da obra literária, como o meio, a raça e a história determinam o homem e o levam à degradação. A obra procura demonstrar que a mistura de raças em um mesmo meio desemboca na promiscuidade sexual, moral e na completa degradação humana.

Tempo e Espaço

A história se passa no Brasil no século XIX, mas não há precisão de datas. O tempo é linear, com princípio, meio e desfecho da narrativa. Pode-se relacionar o tempo com o crescimento do cortiço e com o enriquecimento de João Romão.

É possível dizer que a história se desenrola em dois espaços: o cortiço e o sobrado de Miranda. O cortiço é um amontoado de casas construídas sem planejamento, são as pessoas pobres que habitam esse lugar, ele representa a promiscuidade das classes baixas e a mistura de raças. Junto a ele estão a pedreira e a taverna de João Romão. O segundo espaço, o sobrado aristocratizante de Miranda, representa a burguesia do século XIX.

Narrador

A narração acontece na terceira pessoa e o narrador é onisciente, ou seja, ele sabe de todos os pensamentos e comportamentos dos personagens, o que é uma das características do Naturalismo.

Personagens

João Romão: Português ambicioso, torna-se dono da venda, do cortiço e da pedreira. Explora a amante Bertoleza, mas acaba com casamento marcado com Zulmira por interesse à sua classe social.

Bertoleza: Escrava que se pensa alforriada, trabalha para João Romão e é sua amante. Trabalha desde cedo até tarde da noite com ardor para suprir as necessidades da taberna de João Romão, mas nunca é reconhecida, nem quando este passa pelas mesmas necessidades que a negra, se juntando a seu trabalho, nem quando este começa a se envolver de luxos e regalias.

Miranda: português, morador do sobrado ao lado do cortiço. É casado com Estela, mas tem um casamento infeliz, mantido apenas por razões financeiras.

Estela: esposa de Miranda, é infiel ao marido.

Zulmira: filha de Estela e de Miranda, marca casamento com João Romão, que busca ascensão social através da união.

Jerônimo: português trabalhador, honesto e casado com Piedade, torna-se administrador da pedreira de João Romão. Acaba se envolvendo com Rita Baiana e deixando de lado seus princípios.

Rita Baiana: mulata sedutora, é amiga de todos no cortiço. Tinha um caso com Firmo, depois se envolveu com Jerônimo.

Piedade: esposa dedicada de Jerônimo, acaba se entregando à bebida depois que o marido a abandona para ficar com Rita Baiana.

Firmo: amante de Rita Baiana, é assassinado por Jerônimo.

Pombinha: moça discreta e educada que termina entregue à prostituição.

Leonie: como protótipo da mulher do cortiço que saiu para a prostituição da elite, mantém trânsito livre entre um conjunto e outro. Ela pode desfilas com os amantes pelas ruas e teatros com a mesma leveza com que regressa ao cortiço para ver sua afilhada, graças à sua ascensão social.

Nota-se, então, uma das características do naturalismo: Pombinha lembra uma pomba, pura e delicada, enquanto, Léonie remete a um leão, audacioso e feroz. A ideia é de que Léonie “devora” sua afilhada através da iniciação homossexual. O mesmo depois irá se repetir com a filha de Piedade e Jerônimo, Pombinha tentará seduzi-la, o que dá a ideia de cadeia.

A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria.
(Capítulo 22)

Análise Geral

O enredo denuncia os problemas sociais existentes no século XIX (muitos deles que ainda permaneceram no século XXI), como pobreza, adultério, corrupção e formação de moradias em lugares inapropriados, além de apresentar a maneira como as pessoas desses conglomerados viviam, explorados por alguém (no caso, João Romão) que enriquecia às custas das necessidades dos mais pobres. Além disso, trata de tabus da sociedade como prostituição e homossexualidade.

Capítulo 10: Carlos Drummond de Andrade

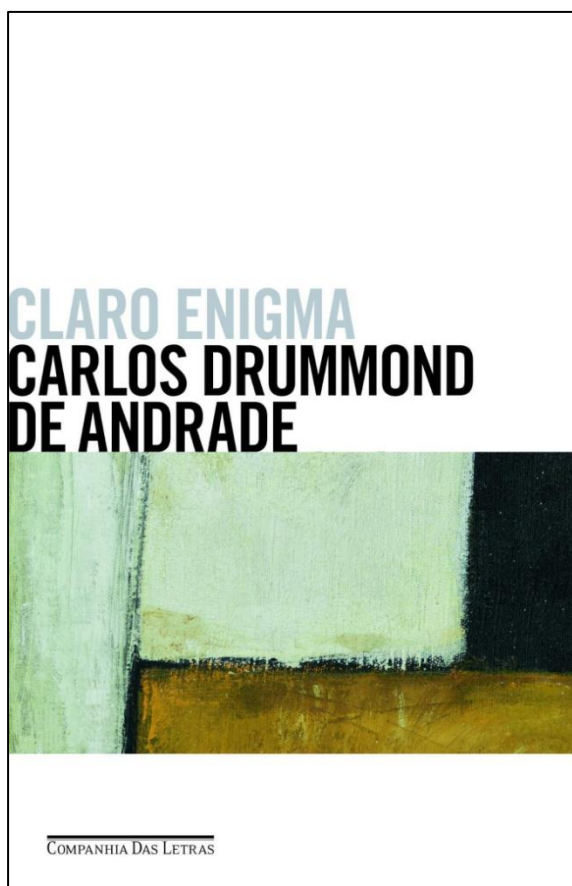


Nascido em Itabira de Mato Dentro, interior de Minas Gerais, no ano de 1902, Carlos Drummond de Andrade foi um poeta brasileiro autor de poemas como "No Meio do Caminho", que marcou a segunda fase do Modernismo no Brasil. É considerado um dos maiores poetas brasileiros do século XX.

Iniciou sua carreira publicando no "Diário de Minas" e ganhou um concurso de novelas mineiras com o conto "Joaquim do Telhado". Alguns anos depois concluiu o curso de Farmácia e fundou "A Revista", condução do Modernismo Mineiro. Mas foi apenas quando voltou para o Diário de Minas como redator e publicou "No Meio do Caminho", que obteve atenção. Daí em diante, se mudou para o Rio de Janeiro e passou a publicar livros como "Alguma Poesia" e "Confissões de Minas". Traduziu também livros de autores como Federico Garcia Lorca e Molière, se tornando chefe de gabinete do ministério da educação e escrevendo crônicas para jornais e revistas.

Carlos Drummond de Andrade faleceu no Rio de Janeiro, em 1987, dias depois do falecimento de sua filha, a escritora Maria Julieta Drummond de Andrade.

Claro Enigma



Introdução à Obra

Claro Enigma é uma coletânea de 41 poemas publicada em 1951, que pode ser comparada a livros dos anos 40, nos quais predomina a postura clássica, abandonando a busca por respostas e focando nas perguntas que precisam ser feitas, principalmente a si mesmo. Demonstra muito mais a melancolia, a esperança é substituída pelo desencanto, ao invés de referenciar o mundo em si e suas questões históricas ou sociais, o questionamento se refere ao ser humano, seu interior ou o que o cerca.

A relativa perda de certezas políticas representa um passo no sentido de um novo projeto literário, tematizando exatamente a angústia das incertezas quanto ao rumo que deve ser seguido.

Olhando por este lado, ganham destaque os versos de “Cantiga de Enganar”:
“O mundo não vale o mundo, / meu bem. / Eu plantei um pé-de-sono, / brotaram vinte roseiras. / Se me cortei nelas todas / e se todas se tingiram / de um vago sangue jorrado / ao capricho dos espinhos, / não foi culpa de ninguém”. Em termos

formais, nota-se o retorno a formas clássicas, que na verdade, não é uma tendência só de Drummond, mas da poesia de sua geração, surgida em 1930, já se caracterizando pela retomada de formas como as do soneto.

Contexto Histórico e Socioeconômico

O livro *Claro Enigma* foi publicado em 1951 e pertence à chamada terceira fase das obras de Drummond, na qual os poemas são mais complexos e com fundo filosófico.

O mundo vivia no tormento da Guerra Fria e da ameaça da bomba atômica, o cenário político estava envolvido em uma disputa ideológica entre capitalismo e comunismo, que além de diferenças, revelavam os regimes de força que a sustentavam. A arte, de uma forma geral, abandonou os temas sociais e passou a atenção para temas filosóficos, discutindo o sentido do amor, da poesia e do próprio viver. Com Drummond, não foi diferente, ele que antes lutava pelas causas sociais e pela liberdade e encorajava a todos, se tornou questionador da existência com alto pessimismo, o que pode ser reconhecido pela “imagem da noite”, associada sempre à morte, a qual está presente em diversos poemas que compõem o livro.

Temas

Os poemas falam sobre vida, amor, ausência, tempo, sexo e a própria poesia, descrevem o homem em suas crises existenciais em busca do entendimento dos temas que o cercam. Em contrapartida, percebe-se esse mergulho existencial de forma introspectiva, como no trecho do poema “Remissão”:

“Enquanto o tempo, em suas formas breves / ou longas, que sutil interpretavas, / se evapora no fundo de teu ser?”

O poeta fala de forma irônica e melancólica com sua própria obra; “De tudo quanto foi meu passo caprichoso / na vida, restará, pois o resto se esfuma, / uma pedra que havia no meio do caminho”.

Também cita uma busca quase compulsória pelo amor, que pode ser visto no poema “Amar”, no qual Drummond descreve os humanos como “conchas vazias à procura de mais e mais amor”.

Narrador

Um livro de poesia não tem narrador, assim como não tem enredo, já que a poesia é a expressão das emoções e pensamentos do artista que a escreve. Portanto, não se usa o termo “narrador” em relação ao texto deste gênero, mas sim “eu lírico” ou poeta, que neste caso é Carlos Drummond de Andrade.

Forma

A forma dos poemas também é diferente das outras obras de Drummond. Em *Claro Enigma*, há uma preocupação com o poema clássico, o que o coloca distante da primeira geração modernista, da qual também fez parte. Mostram que ele se sente à vontade para rever os poemas de formas fixas e de versos rimados, sendo alguns sonetos — compostos por 14 versos —, e fazem referência à poesia formal.

O poema “Oficina Irritada” é um exemplo desse “retrocesso” poético, em que a preocupação com a forma se mostra forte e mais importante do que o próprio conteúdo, num exercício chamado de metalinguagem¹. Em outro poema, “A Máquina do Mundo”, que para muitos é a obra-prima de Drummond, o poeta dialoga com a tradição clássica e camoniana.

¹A metalinguagem é usada quando se deseja falar da própria linguagem empregada na comunicação, ou seja, quando a preocupação do emissor está voltada para o próprio código ou linguagem.

Análise

O mais difícil nessa leitura é o fato de não se achar a estrutura narrativa com tanta facilidade, já que, além de possuir muitos elementos importantes além deste, a linguagem é, de certo modo, rebuscada. Assumindo o papel reflexivo, simplesmente apresentando as questões, sem esperança, Drummond divide o livro em seis seções, cada uma com seu significado interior.

“Entre o Lobo e o Cão” é a seção que possui o maior número de poemas, totalizando 18, no qual mostra-se o extremismo ao expor de um lado o lobo, selvagem e movido por instinto agressivo, e do outro o cão, domesticado e dócil; os lados extremos de um ser humano. Nele ficam claros itens como decepções e, principalmente, o luto.

Em “Notícias Amorosas” fala-se do amor que não se consegue. Drummond descreve o amor de forma romântica, porém, mostra a dificuldade e o sofrimento nele contidos, ao expressar que tal sentimento na verdade não pode ser vivido

“O Menino e o Homem” contém poemas retratando a saudade e nostalgia principalmente de amigos e família, mas ainda assim, é extremamente pessimista ao questionar como fazer valer a vida, se no fim, todos morrem.

“Selo de Minas” é a parte autobiográfica do livro, na qual ele fala sobre sua cidade natal, Itabira, em Minas Gerais, e apresenta sua família.

“Lábios Cerrados” conta histórias e fala de pessoas que já faleceram e fazem falta, mas que ficarão sempre vivas em suas lembranças, também mostra o tempo como solução para a dor.

“A Máquina do Mundo” questiona o futuro do ser humano dentro da atual sociedade. Ele tenta resolver tais questões, mas desconsidera tudo o que pensa depois de expor.

Capítulo 11: Dicas Para Leitura

1. Tenha sempre um dicionário em mãos quando estiver fazendo leituras de obras relativamente antigas, pois embora alguns livros sejam consideravelmente simples, como “Minha Vida de Menina”, é comum encontrar palavras desconhecidas ou que não têm significado contemporâneo claro. Na época de Helena Morley, por exemplo, a palavra “brinquedo” significava exatamente brincadeira ou jogo, o que pode causar confusão ao leitor .
2. Assista filmes. Os livros “Minha Vida de Menina”, “Iracema”, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “Vidas Secas”, “O Cortiço” e os contos “O Duelo” e “A Hora e a Vez de Augusto Matraca” de “Sagarana” ganharam adaptações para o cinema. No entanto, é importante ressaltar que não substituem a leitura do livro original, visto que além da linguagem característica e outros fatores apenas encontrados nela serem geralmente os itens mais importantes a serem analisados na hora do vestibular, algumas adaptações não são totalmente fiéis ou podem cortar partes do enredo.
3. Assista também documentários, filmes, vídeos e representações impressas que explicam um pouco mais sobre o período histórico em que o enredo do livro se desenvolve, são ótimas opções para entender com abrangência a reflexão que deve ser feita acerca dele.
4. Leia artigos escritos por especialistas sobre as obras literárias. Eles dissertam acerca das diretrizes dos livros de uma forma mais abrangente, de modo a explicar com pontualidade a interpretação que vestibulares como a FUVEST têm usado atualmente acerca deles. São leituras um pouco mais difíceis e que precisam de bases mais sólidas para interpretação, mas com esforço, fornecem uma melhor preparação para as possíveis questões que o candidato enfrentará. Autores como Roberto Schwarz, Alcides Villaça, Alfredo Bosi, Vagner Camilo e Antônio Cândido são boas opções.
5. Se a leitura se tornar cansativa, apresentar parágrafos em que é fácil se perder em seu significado e estrutura, como uma boa opção, escute áudios-livros. Uma prática adequada é ouvi-los ao mesmo tempo em que se acompanha a leitura em um livro físico ou digital.
6. No fim de cada capítulo, para sintetizar suas idéias principais, leia resumos por capítulos encontrados na internet e faça anotações. Essas podem servir de grande ajuda para montar um resumo depois da leitura total do livro, item que ajudará o leitor a lembrar de detalhes importantes sobre a história na hora das provas.

Capítulo 12: Exercícios e Atividades para Fixação

1. (ITA 2005) O livro "Claro Enigma", uma das obras mais importantes de Carlos Drummond de Andrade, foi editado em 1951. Desse livro consta o poema a seguir:

Memória
Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. "Claro Enigma", Rio de Janeiro: Record, 1991.)

Sobre esse texto, é correto dizer que:

- a) a passagem do tempo acaba por apagar da memória praticamente todas as lembranças humanas; quase nada permanece.
- b) a memória de cada pessoa é marcada exclusivamente por aqueles fatos de grande impacto emocional; tudo o mais se perde.
- c) a passagem do tempo apaga muitas coisas, mas a memória afetiva registra as coisas que emocionalmente têm importância; essas permanecem.
- d) a passagem do tempo atinge as lembranças humanas da mesma forma que envelhece e destrói o mundo material; nada permanece.
- e) o homem não tem alternativa contra a passagem do tempo, pois o tempo apaga tudo; a memória nada pode; tudo se perde.

2. (PUCCAMP 2010) Valores renascentistas, como o do poder da racionalidade, e os dramas da consciência moderna, a que não falta o sentido de um impasse histórico, entram em conflito em "A máquina do Mundo", de Carlos Drummond de Andrade, já que nesse monumental poema de Claro enigma o autor:

a) explora os limites do lirismo dramático de Oswald de Andrade.

b) propõe-se a investigar os projetos nacionalistas de Mário de Andrade.

c) despoja-se da consciência histórica para realçar as mais livres fantasias.

d) ridiculariza seu destino de homem sentimental e deslocado no mundo.

e) faz frente à razão absoluta com a convicção melancólica de um indivíduo.

3. (UNICAMP). Em A Relíquia, de Eça de Queirós, várias são as mulheres com quem Teodorico Raposo, o herói e narrador, se vê envolvido. Dentre elas, podemos citar Mary, Adélia, Titi, Jesuína, Cíbele.

a) Uma dessas personagens é importantíssima para a trama do romance, já que acompanha o narrador desde a infância, e deve-se a ela a origem de todos os seus

infortúnios posteriores. Quem é e o que fez ela para que o plano de Raposo não desse certo?

b) A qual delas Raposo se refere como "Tinha trinta e dois anos e era zarolha"? Que relações tem essa personagem com Crispim, a quem o narrador denomina como "A Firma"?

4. (UFSC 2011) A partir da leitura do romance Iracema, e considerando o contexto do Romantismo brasileiro, indique a somatória da(s) proposição(ões) CORRETA(S).

1) Ao seduzir e possuir Iracema, Martim está consciente dos seus atos, e isso constitui traição tanto aos seus valores cristãos quanto à hospitalidade de Araquém. Quebra-se aqui, portanto, uma importante característica do Romantismo, a idealização do herói, que jamais comete ações vis.

2) Em Iracema, os elementos humanos e naturais não se mesclam. Nas descrições que faz de Iracema, por exemplo, Alencar evita compará-la a seres da natureza, pois isso seria contrário ao princípio romântico de valorização de uma natureza pura, não contaminada pela presença humana.

4) A adjetivação abundante ("ardente chama"; "intenso fogo"; "tépido ninho"; "vivos rubores") é uma importante característica da prosa

romântica, que será mais tarde evitada por escritores realistas.

8) Ao entregar-se a Martim, Iracema deixa de ser virgem e, portanto, não poderia mais ser a guardiã do segredo da jurema; ainda assim continua a sê-lo, só deixando de preparar e servir a bebida quando Caubi descobre sua gravidez e a expulsa da tribo.

16) Entre as várias manifestações do nacionalismo romântico presentes em Iracema, está o desejo de mostrar o povo brasileiro como híbrido, constituído pela fusão das raças negra, indígena e branca.

32) Além de indianista, Iracema é também um romance histórico; serve assim duplamente ao projeto nacionalista da literatura romântica brasileira.

5. (UFU-MG) Sobre Iracema, de José de Alencar, podemos dizer que:

I) as cenas de amor carnal entre Iracema e Martim são de tal forma construídas que o leitor as percebe com vivacidade, porque tudo é narrado de forma explícita.

II) em Iracema temos o nascimento lendário do Ceará, a história de amor entre Iracema e Martim e as manifestações de ódio das tribos tabajara e potiguara.

III) Moacir é o filho nascido da união de Iracema e Martim. De

maneira simbólica ele representa o homem brasileiro, fruto do índio e do branco.

IV) a linguagem do romance Iracema é altamente poética, embora o texto esteja em prosa. Alencar consegue belos efeitos linguísticos ao abusar de imagens sobre imagens, comparações sobre comparações.

Assinale:

a) se apenas II e IV estiverem corretas.

b) se apenas II e III estiverem corretas.

c) se II, III e IV estiverem corretas.

d) se I, III e IV estiverem corretas.

6. (PUC-SP) A próxima questão refere-se ao texto abaixo.

Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;

Verdes mares que brilhais como líquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros;

Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas.

Esse trecho é o início do romance Iracema, de José de Alencar.

Dele, como um todo, é possível afirmar que:

a) Iracema é uma lenda criada por Alencar para explicar poeticamente as origens das raças indígenas da América.

b) as personagens Iracema, Martim e Moacir participam da luta fratricida entre os Tabajaras e os Potiguaras.

c) o romance, elaborado com recursos de linguagem figurada, é considerado o exemplar mais perfeito da prosa poética na ficção romântica brasileira.

d) o nome da personagem-título é anagrama de América e essa relação caracteriza a obra como um romance histórico.

e) a palavra Iracema é o resultado da aglutinação de duas outras da língua guarani e significa “lábios de fel”.

7. (PUC) Considere os dois fragmentos extraídos de Iracema, de José de Alencar.

I. *Onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a costa cearense, aberta ao fresco terral a grande vela? Onde vai como branca alcione buscando o rochedo pátrio nas solidões do oceano? Três entes respiram sobre o frágil lenho que vai singrando veloce, mar em fora. Um jovem guerreiro cuja tez branca não cora o sangue americano; uma criança e um rafeiro que viram a luz no berço das florestas, e brincam irmãos, filhos ambos da mesma terra selvagem.*

II. *O cajueiro floresceu quatro vezes depois que Martim partiu das praias do Ceará, levando no frágil barco o filho e o cão fiel. A jandaia não quis deixar a terra onde repousava sua amiga e senhora. O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?*

Ambos apresentam índices do que poderia ter acontecido no enredo do romance, já que constituem o começo e o fim da narrativa de Alencar. Desse modo, é possível presumir que o enredo apresenta:

a) o relacionamento amoroso de Iracema e Martim, a índia e o branco, de cuja união nasceu Moacir, e que alegoriza o processo de conquista e colonização do Brasil.

b) as guerras entre as tribos tabajara e potiguara pela conquista e preservação do território brasileiro contra o invasor estrangeiro.

c) o rapto de Iracema pelo branco português Martim como forma de enfraquecer os adversários e levar a um pacto entre o branco colonizador e o selvagem dono da terra.

d) a vingança de Martim, desbaratando o povo de Iracema, por ter sido flechado pela índia dos lábios de mel em plena floresta e ter-se tornado prisioneiro de sua tribo.

e) a morte de Iracema, após o nascimento de Moacir, e seu sepultamento junto a uma carnaúba,

na fronde da qual canta ainda a jandaia.

8. (FUVEST) O índio, em alguns romances de José de Alencar, como *Iracema* e *Ubirajara*, é:

a) retratado com objetividade, numa perspectiva rigorosa e científica.

b) idealizado sobre o pano de fundo da natureza, da qual é o herói épico.

c) pretexto episódico para descrição da natureza.

d) visto com o desprezo do branco preconceituoso, que o considera inferior.

e) representado como um primitivo feroz e de maus instintos.

9. (Mack-SP) Sobre *Iracema*, é incorreto afirmar que:

a) o relacionamento entre Martim e *Iracema* seria uma alegoria das relações entre metrópole e colônia.

b) *Iracema* é descrita de uma forma idealizante, comparada com elementos da natureza, característica própria do Romantismo.

c) o personagem Martim é lendário; nunca existiu, tratando-se, portanto, de uma figura fictícia.

d) Moacir, que em tupi quer dizer “filho da dor”, é levado por Martim para a Europa.

e) o romance é narrado em terceira pessoa, com narrador onisciente.

10. (UNICAMP - Adaptado) O trecho abaixo foi extraído de *Iracema*. Ele reproduz a reação e as últimas palavras de Batuieté, um grande guerreiro na mocidade, que já não tinha mais capacidade de lutar, ao se referir a Martin e Poti antes de morrer:

“O velho soabriu as pesadas pálpebras, e passou do neto ao estrangeiro um olhar baço. Depois o peito arquejou e os lábios murmuraram:

— Tupã quis que estes olhos vissem antes de se apagarem, o gavião branco junto da narceja.

O abaeté derrubou a fronte aos peitos, e não falou mais, nem mais se moveu.”

a) Identifique os papéis que desempenharam os personagens a quem Batuieté se referia no contexto da obra de Alencar.

b) Explique o sentido da metáfora empregada por Batuieté em sua fala.

11. (Fuvest-SP) O romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* publicou-se num momento significativo da literatura brasileira, tanto para a carreira de Machado de Assis, como para o desenvolvimento da prosa no Brasil. Tornou-se um divisor entre:

a) a prosa romântica e a realista-naturalista;

b) o romantismo e o cientificismo literário;

c) os remanescentes clássicos e a necessidade de modernização;

d) o espírito conservador e o espírito revolucionário;

e) a prosa finissecular e a imposição renovadora da época.

12. (PUC-SP) “Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela...”, “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos”. As duas citações anteriores integram o romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, escrito por Machado de Assis. Delas pode inferir-se que:

a) em ambas há igual manifestação da relação temporal e espacial.

b) apenas em uma há referência espacial geográfica e sentimental.

c) nenhuma apresenta discrepância semântica entre as relações espaciais.

d) ambas operam com a relação de tempo e de espaço.

e) nenhuma revela discrepância semântica entre as relações temporais.

13. (Fuvest-SP) *Era uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, asseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazear a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dous peraltas sem emprego. E de imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos de um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal.*

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

A busca de “uma supremacia, qualquer que fosse”, que nesse trecho caracteriza o comportamento de Quincas Borba, tem como equivalente, na trajetória de Brás Cubas,

a) o projeto de tornar-se um grande dramaturgo.

b) a ideia fixa da invenção do emplastro.

c) a elaboração da filosofia do Humanitismo.

d) a ambição de obter o título de marquês.

e) a obsessão de conquistar Eugênia.

14. (UFMG) Todas as alternativas sobre o narrador de Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, estão corretas, EXCETO:

a) analisa o ser humano, focalizando o seu lado negativo, seus defeitos morais. b) conta a história de forma regular e fluente, preocupando-se com a compreensão do leitor.

c) informa que a causa de sua morte foi uma ideia fixa, a obsessão com o emplastro Brás Cubas.

d) não hesita em apontar seus próprios erros e imperfeições, pois está a salvo dos juízos alheios.

e) não vê com bons olhos a figura do crítico, chegando mesmo a ridicularizá-lo.

15. (FGV-SP) Sobre o romance Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, é correto afirmar que:

a) marca o início do Romantismo na literatura brasileira.

b) o nascimento do filho do protagonista com Virgília redime a tristeza de Brás Cubas.

c) o contato de Brás Cubas com a filosofia do Humanismo é-lhe facultado pelo amigo Quincas Borba.

d) Marcela era realmente apaixonada por Brás Cubas.

e) as personagens femininas do romance têm a ingenuidade das heroínas românticas.

16. (FUVEST- 2009) *Vestindo água, só saído o cimo do pescoço, o burrinho tinha de se enqueixar para o alto, a salvar também de fora o focinho. Uma peitada. Outro tacar de patas. Chu-áa! Chu-áa... – ruge o rio, como chuva deitada no chão. Nenhuma pressa! Outra remada, vagarosa. No fim de tudo, tem o pátio, com os cochos, muito milho, na Fazenda; e depois o pasto: sombra, capim e sossego... Nenhuma pressa. Aqui, por ora, este poço doido, que barulha como um fogo, e faz medo, não é novo: tudo é ruim e uma só coisa, no caminho: como os homens e os seus modos, costumeira confusão. É só fechar os olhos. Como sempre. Outra passada, na massa fria. E ir sem afã, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro, filho do fundo, poupando forças para o fim. Nada mais, nada de graça; nem um arranco, fora de hora. Assim.*

João Guimarães Rosa. “O burrinho pedrês” Sagarana. ”

Quando nos apresentam os homens vistos pelos olhos dos animais, as narrativas em que aparecem o burrinho pedrês, do conto homônimo (Sagarana), os bois de "Conversa de bois" (Sagarana) e a cachorra Baleia (Vidas secas) produzem um efeito de:

a) indignação, uma vez que cada um desses animais é morto por algozes humanos.

b) infantilização, uma vez que esses animais pensantes são exclusivos da literatura infantil.

c) maravilha mento, na medida em que os respectivos narradores servem-se de sortilégios e de magia para penetrar na mente desses animais.

d) estranhamento, pois nos fazem enxergar de um ponto de vista inusitado o que antes parecia natural e familiar.

e) inverossimilhança, pois não conseguem dar credibilidade a esses animais dotados de interioridade.

17. (CEFET-PR) Sobre os contos de Sagarana é INCORRETO afirmar:

a) a volta do marido pródigo demonstra, no comportamento do protagonista, o poder criador da palavra, dimensão da linguagem tão apreciada por Guimarães Rosa.

b) tanto em *Corpo fechado* quanto em *Minha gente* o espaço é variado, deslocando-se a ação de um lugar para outro.

c) em *O Duelo* e *Sarapalha* figuram personagens femininas cujos traços não aparecem nas mulheres de outros contos.

d) *O Burrinho Pedrês*, *Conversa de Bois* e *São Marcos* trabalham com a mudança de narradores.

e) *A Hora e a Vez de Augusto Matraga* não apresenta a inserção de casos ou narrativas secundárias.

18. (UPF) Nos contos de Sagarana, Guimarães Rosa resgata, principalmente, o imaginário e a cultura:

a) da elite nacional

b) dos proletários urbanos

c) dos povos indígenas

d) dos malandros de subúrbio

e) da gente rústica do interior

19. (PUC-SP) O conto *Conversa de bois* integra a obra *Sagarana*, de João Guimarães Rosa. De seu enredo como um todo, pode afirmar-se que:

a) os animais justiceiros, puxando um carro, fazem uma viagem que começa com o transporte de uma carga de rapadura e um defunto e termina com dois.

b) a viagem é tranquila e nenhum incidente ocorre ao longo da jornada, nem com os bois nem com os carreiros.

c) os bois conversam entre si e são compreendidos apenas por

Tiãozinho, guia mirim dos animais e que se torna cúmplice do episódio final da narrativa.

d) a presença do mítico-lendário se dá na figura da irara, “tão séria e moça e graciosa, que se fosse mulher só se chamaria Risoleta” e que acompanha a viagem, escondida, até à cidade.

e) a linguagem narrativa é objetiva e direta e, no limite, desprovida de poesia e de sensações sonoras e coloridas.

20. (FUVEST) Um escritor classificou *Vidas secas* como “romance desmontável”, tendo em vista sua composição descontínua, feita de episódios relativamente independentes e sequências parcialmente truncadas. Essas características da composição do livro

a) constituem um traço de estilo típico dos romances de Graciliano Ramos e do Regionalismo nordestino.

b) indicam que ele pertence à fase inicial de Graciliano Ramos, quando este ainda seguia os ditames do primeiro momento do Modernismo.

c) diminuem o seu alcance expressivo, na medida em que dificultam uma visão adequada da realidade sertaneja.

d) revelam, nele, a influência da prosa seca e lacônica de Euclides da Cunha, em *Os sertões*.

e) relacionam-se à visão limitada e fragmentária que as próprias personagens têm do mundo.

21. (PUC-SP) *O mulungu do bebedouro cobria-se de arribações. Mau sinal, provavelmente o sertão ia pegar fogo. Vinham em bandos, arranchavam-se nas árvores da beira do rio, descansavam, bebiam e, como em redor não havia comida, seguiam viagem para o Sul. O casal agoniado sonhava desgraças. O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado. (...) Alguns dias antes estava sossegado, preparando látegos, consertando cercas. De repente, um risco no céu, outros riscos, milhares de riscos juntos, nuvens, o medonho rumor de asas a anunciar destruição. Ele já andava meio desconfiado vendo as fontes minguaem. E olhava com desgosto a brancura das manhãs longas e a vermelhidão sinistra das tardes. (...)*

O trecho acima é de *Vidas Secas*, obra de Graciliano Ramos. Dele, é incorreto afirmar que:

a) prenuncia nova seca e relata a luta incessante que os animais e o homem travam na constante defesa da sobrevivência.

b) marca-se por fatalismo exagerado, em expressão como “o sertão ia pegar fogo”, que impede a manifestação poética da linguagem.

c) atinge um estado de poesia, ao pintar com imagens visuais, em

jogo forte de cores, o quadro da penúria da seca.

d) explora a gradação, como recurso estilístico, para anunciar a passagem das aves a caminho do Sul.

e) confirma, no deslocamento das aves, a desconfiança iminente da tragédia, indiciada pela “brancura das manhãs longas e a vermelhidão sinistra das tardes”.

22. (ACAFE / SC) *Baleia queria dormir. Acordaria feliz num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes.*

Graciliano Ramos

Sobre o texto acima, é correto afirmar que:

a) há marcas próprias do chamado discurso direto através do qual são reproduzidas as falas das personagens.

b) o narrador é observador, pois conta a história de fora dela, na terceira pessoa, sem participar das ações, como quem observou objetivamente os acontecimentos.

c) quem conta a história é uma das personagens, que tem uma relação íntima com as outras personagens, e, por isso, a maneira de contar é fortemente marcada por

características subjetivas, emocionais.

d) evidencia-se um conflito entre a protagonista Baleia e o antagonista Fabiano, pois este impede que a cadela possa caçar os preás.

e) o narrador é onisciente, isto é, geralmente ele narra a história na terceira pessoa, sabe tudo sobre o enredo e sobre as personagens, inclusive sobre suas emoções, pensamentos mais íntimos, às vezes, até dimensões inconscientes.

23. (ACAFE / SC) *A vida na fazenda se tornara difícil. Sinhá Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas. Encolhido no banco do copiar, Fabiano espiava a catinga amarela, onde as folhas secas se pulverizavam, trituradas pelos redemoinhos, e os garranchos se torciam, negros, torrados. No céu azul, as últimas arribações tinham desaparecido. Pouco a pouco os bichos se finavam, devorados pelo carrapato. E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre.*

De acordo com o fragmento acima, de *Vidas Secas*, Graciliano Ramos, é incorreto o que se afirma em:

a) Tanto Sinhá Vitória quanto Fabiano tinham fé na providência divina.

b) O enfoque é narrativo.

c) O que se relata ao longo do parágrafo tem o objetivo de confirmar a afirmação da primeira frase.

d) Há evidências de que Sinhá Vitória e Fabiano estão fragilizados, pois ela "benzia-se tremendo" e ele estava "encolhido na banco do copiar".

e) O tema predominante é a indagação metafísica sobre a existência (inexistência) de Deus.

24. (FUVEST) Como não expressa visão populista nem elitista, o livro não idealiza os pobres e rústicos, isto é, não oculta o dano causado pela privação, nem os representa como seres desprovidos de vida interior; ao contrário, o livro trata de realçar, na mente dos desvalidos, o enlace estreito e dramático de limitação intelectual e esforço reflexivo. Essas afirmações aplicam-se ao modo como, na obra:

a) Auto da barca do inferno, são representados os judeus, marginalizados na sociedade portuguesa medieval.

b) Memórias de um sargento de milícias, são figuradas Luisinha e as crias da casa de D. Maria.

c) Dom Casmurro, são figurados os escravos da casa de D. Glória.

d) A cidade e as serras, são representados os camponeses de Tormes.

e) Vidas secas, são figurados Fabiano, sinhá Vitória e os meninos.

25. (UNICAMP) Em Vidas Secas, após ter vencido as dificuldades, postas no início da narrativa, Fabiano afirma: "Fabiano, você é um homem...". Corrige-se logo depois: "Você é um bicho, Fabiano". Em seguida, encontrando-se com a cadelinha, diz: "Você é um bicho, Baleia". Ao chamar a si mesmo e a Baleia de "bicho", Fabiano estabelece uma identificação com ela. Na leitura de Vidas Secas, podem-se perceber vários motivos para essa identificação. Cite dois desses motivos.

26. (MACK-SP) Assinale a alternativa **incorreta** sobre a prosa naturalista:

a) As personagens expressam a dependência do homem às leis naturais.

b) O estilo caracteriza-se por um descritivismo intenso, capaz de refletir a visualização pictórica dos ambientes.

c) Os tipos são muito bem delimitados, física e moralmente, compondo verdadeiras representações caricaturais.

d) Tem como objetivo maior aprofundar a dimensão psicológica das personagens.

e) O comportamento das personagens e sua movimentação no espaço determinam-lhe a condição narrativa.

27. (FUVEST-SP) *"E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, e esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, a multiplicar-se como larvas no esterco."*

O fragmento de *O cortiço*, romance de Aluísio Azevedo, apresenta uma característica fundamental do Naturalismo. Qual?

- a) Uma compreensão psicológica do Homem.
- b) Uma compreensão biológica do Mundo.
- c) Uma concepção idealista do Universo.
- d) Uma concepção religiosa da Vida.
- e) Uma visão sentimental da Natureza.

28. (PUC-RJ) Estão relacionadas a seguir características de movimentos

literários. Delas, apenas uma não se refere ao Naturalismo. Qual?

- a) Busca da objetividade científica.
- b) Idealização da natureza.
- c) Determinismo biológico.
- d) Tematização do psicológico.
- e) Aplicação do método experimental.

29. (FGV-SP) No romance *O cortiço*, Aluísio Azevedo estabelece uma forte ligação entre o meio em que vivem as personagens e sua vida material, moral e psicológica. Tal relação apoia-se nos princípios:

- a) do livre-arbítrio religioso.
- b) do determinismo científico.
- c) do sentimentalismo romântico.
- d) do culto à natureza.
- e) do ideário modernista.

30. (FUVEST - 2017) *O Comissário apertou-lhe mais a mão, querendo transmitir-lhe o sopro de vida. Mas a vida de Sem Medo esvaía-se para o solo do Mayombe, misturando-se às folhas em decomposição.[...]*

Mas o Comissário não ouviu o que o Comandante disse. Os lábios já mal se moviam.

A amoreira gigante à sua frente. O tronco destaca-se do sincretismo da mata, mas se eu percorrer com os olhos o tronco para cima, a folhagem dele mistura-se à folhagem geral e é de novo o sincretismo. Só o tronco se destaca, se individualiza. Tal é o Mayombe, os gigantes só o são em parte, ao nível do tronco, o resto confunde-se na massa. Tal o homem. As impressões visuais são menos nítidas e a mancha verde predominante faz esbater progressivamente a claridade do tronco da amoreira gigante. As manchas verdes são cada vez mais sobrepostas, mas, num sobressalto, o tronco da amoreira ainda se afirma, debatendo-se. Tal é a vida.[...]

Os olhos de Sem Medo ficaram abertos, contemplando o tronco já invisível do gigante que para sempre desaparecera no seu elemento verde.

(Pepetela, Mayombe)

Considerando-se o excerto no contexto de Mayombe, os paralelos que nele são estabelecidos entre aspectos da natureza e da vida humana podem ser interpretados como uma

a) reflexão relacionada ao próprio Comandante Sem Medo e a seu dilema característico entre a valorização do indivíduo e o

engajamento em um projeto eminentemente coletivo.

b) caracterização flagrante da dificuldade de aceder ao plano do raciocínio abstrato, típica da atitude pragmática do militante revolucionário.

c) figuração da harmonia que reina no mundo natural, em contraste com as dissensões que caracterizam as relações humanas, notadamente nas zonas urbanizadas.

d) representação do juízo do Comissário a respeito da manifesta incapacidade que tem o Comandante Sem Medo de ultrapassar o dogmatismo doutrinário.

e) crítica esclarecida à mentalidade animista que tende a personificar os elementos da natureza e ao tribalismo, ainda muito difundidos entre os guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

31. (PUC-RS) A redução dos seres humanos ao nível animal, a natureza humana vista como uma selva onde os fortes, representados por João Romão, devoram os fracos, são princípios básicos do romance de

a) A mortalha de Alzira – Aluísio Azevedo.

b) Memorial de Aires – Machado de Assis

c) Casa de pensão – Aluísio Azevedo.

d) O Cortiço – Aluísio Azevedo.

e) Esaú e Jacó – Machado de Assis.

Gabarito

1. C

2. E

3. Resposta:

A) Entre as diversas personagens femininas citadas no enunciado da questão, apenas uma acompanhou Teodorico Raposo desde a infância. Trata-se de Titi, sua tia, a cuja herança ele teria direito, caso se comportasse como um perfeito católico (na acepção de sua tia). Como tal não aconteceu e, tendo sido descoberto o engodo que Raposo lhe preparava, Titi deserdou-o.

B) Jesuína é a referida personagem. O candidato deveria ter observado que é finalmente com ela que Teodorico se casa. Trata-se da irmã de Crispim, o próspero amigo, herdeiro da firma Crispim & Cia. Não sem ironia, Teodoria o chama de “a firma” para sugerir que a identidade do amigo se sustentava mais no valor financeiro do que no afetivo.

4. Soma: 36 (Proposições 4 e 32)

5. C

6. C

7. A

8. B

9. C

10. Resposta:

a) De acordo com o excerto, Batuiretê se dirige ao “neto” e ao “estrangeiro”, sendo o primeiro Poti e o segundo, Martim. Poti é um dos valorosos guerreiros da tribo potiguara, aliada dos portugueses. Essa aliança aparece bem representada pela amizade que une Poti e Martim, um aventureiro português, por quem se apaixona a heroína da história, virgem de Tupã, Iracema.

b) A metáfora “gavião branco junto da narceja” é empregada de modo a profetizar a destruição dos índios que será promovida pelo estrangeiro, colonizador. Em nota ao

romance, o próprio autor-narrador trata de esclarecer que o gavião se refere ao homem branco, Martim, e a narceja (espécie de ave típica do continente sul-americano), ao índio Poti. Por meio da relação predatória entre a ave de rapina e sua presa, a imagem metafórica busca simbolizar a dominação e posterior destruição da população indígena pelo colonizador.

11. A

12. B

13. B

14. B

15. C

16. D

17. C

18. E

19. A

20. E

21. B

22. E

23. E

24. E

25. Resposta:

1° - Fabiano sente grande dificuldade para se expressar, normalmente utiliza gestos e sons guturais como “Ann!” “Hum!”, o que é semelhante aos latidos e sons que a cachorra faz; 2° - Fabiano se considera resistente como um bicho, por perdurar à seca, da mesma forma que Baleia.

26.D

27.B

28.B

29.B

30.A